INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o valor da experiência vivida pelos estudantes da Terceira Idade ao estruturar uma reproposta de vida na aquisição de conhecimento, como participantes do Projeto Universidade Aberta à Terceira Idade da USP. Motivados a encontrar um novo significado para suas vidas na universidade, esses homens e mulheres contribuem para rediscutir o conceito de velhice no Brasil. Ao propiciar o encontro entre jovens e idosos nas salas de aula, a universidade aberta se torna o espaço do encontro, do diálogo, da possibilidade de recomeçar a vida fora dos deveres de casa, da tensão e muitas vezes do conflito dos saberes cotidiano e científico.

A problemática desta pesquisa se origina a partir da análise de três paradoxos identificados na sociedade moderna. Primeiro, é a crise da experiência identificada justamente no momento em que este conceito parece atingir seu ápice com as novas tecnologias de informação. Nunca se falou e se escreveu tanto sobre o conceito de experiência, como se vê atualmente e, no entanto, a palavra soa com sentido indeterminado. A experiência do idoso é tratada meramente como os anos vividos, como se a duração da vida fosse sinônima automática de intensidade. Por isso, uma das propostas desta pesquisa é redefinir o conceito de experiência, como a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque durante a nossa existência. É viver os verdadeiros dramas da existência humana.

O segundo paradoxo é o da desvalorização do passado, mantido por um discurso de valorização da juventude, cuja exigência é impor ao idoso como único caminho o estar em sintonia com os novos tempos. Essa prática de ação perpetuada por uma política pragmática parece ir em sentido inverso ao da reformulação do conceito de velhice disseminado pela mídia. Mero engano. A máscara dessa ação começa a ser derrubada: a predisposição dos

estudantes da Terceira Idade em pôr uma pedra no passado indica a necessidade de seguir o trilho do desenvolvimento irreversível para superar o estado de angústia de ser marginalizado pelo sistema. Essa necessidade se traduz em agarrar o presente com espírito rejuvenescido, para conquistar um valor na modernidade em que se despreza o sujeito pelos acréscimos dos anos vividos.

A denúncia deste comportamento é que os homens e mulheres, olhados somente como algo no passado, como seres de uma outra estrutura social que não tem mais sentido no agora, não existem dessa forma. Ao mesmo tempo, esse sentimento mostra como os sujeitos da memória foram, por um desvio de significado, transformados em prisioneiros da recordação. Se o homem sente não ter vivido como homem sua vida, se a sociedade lhe negou o significado da existência, então negar-lhe o presente também é uma forma de retirar o sentido da vida que ainda pulsa. A reproposta de uma nova vida é a substância cujo vigor o instigará a mudar a realidade. O objetivo desta pesquisa é apontar a forma como o homem é levado a suspender seus sonhos em nome de um princípio de realidade e dialogar com esses sujeitos sobre a importância do testemunho de suas vidas, desse estado de angústia para provocar uma mudança social.

O terceiro paradoxo trata da conseqüência dos dois primeiros: a substituição da sabedoria cotidiana por um conhecimento científico, traduzido muitas vezes como sinônimo de capacidade de gerenciar informação. Esse movimento é feito seguindo a necessidade de encontrar algo fora de seu cotidiano, dos afazeres do dia-a-dia que lhe dê sentido à vida. Nesse caminho, a universidade aberta é um ponto fundamental para se contrapor a qualquer discurso pragmático da ultravalorização científica e contribuir para resignificar o cotidiano.

Em busca do esclarecimento, do evoluir sempre, esses estudantes se distanciam cada vez mais de outros homens e mulheres com os quais convivem no dia-a-dia, aumentando a distância de comunicação em sua realidade. Agora, esses velhos já não são mais os discriminados. Para a maioria deles, ser integrante da Terceira Idade não significa ser velho. Os estudantes da Terceira Idade passam a ser jovem também. A busca desses homens e mulheres é relegar ao segundo plano os saberes cotidiano pelo conhecimento científico – o que pode resultar no abandono de suas vivências e memórias. O paradoxo é que, ao recorrer a universidade com este sentido, esta instituição lhe imprime uma outra força contrária, que consiste no valorizar a experiência de vida, a memória e o saber cotidiano desses homens e mulheres. Há com isso uma tensão e algumas vezes um conflito entre o que propõe a universidade e a política pragmática que movimenta o social. No centro desse embate está o homem e a mulher da Terceira Idade vivenciando o Tempo de Alegria.

A pergunta inicial que direcionou esta pesquisa teve início durante o período de graduação de Jornalismo na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep): por que a maioria das pessoas despreza a experiência do outro na construção de suas realidades de vida? Na elaboração de trabalhos acadêmicos, durante as conversas com integrantes dos grupos, debate com professores e principalmente na análise das discussões para o projeto experimental da Unimep, verificava-se que as diferentes histórias de vida de cada aluno, enquanto indivíduos, não contribuíam diretamente para a construção crítica dos debates. Entre os integrantes dos grupos constituídos, não havia troca de conhecimentos, já que cada um se agarrava à própria opinião. As conseqüências desse comportamento podiam ser medidas em projetos e matérias superficiais, alheias às experiências dos alunos, com análises muitas vezes apresentadas com enfoque despido de historicidade.

A questão essencial neste debate é: qual o significado do desenvolvimento do homem, enquanto ser social, uma vez que poucos se interessam por suas experiências? Esse diagnóstico tomou outra proporção analítica ao identificar na sociedade contemporânea a sustentação deste problema por uma política pragmática. A ausência do diálogo e o desprezo pela experiência são duas das problemáticas discutidas no campo da comunicação e, de maneira direta, influenciam decisivamente no valor do ser velho como sujeito histórico no país. A aflição de uma entrevista pode ser resumida a uma de suas frases: não há dor maior que a perda da comunicação com o filho. Ou, traduzindo esse sentimento: não há dor maior que o rompimento comunicacional com o mundo ao qual se dedicou grande parte da vida e que o forçou a adiar a realização dos sonhos.

A definição de usar como base desta pesquisa a Universidade Aberta à Terceira Idade implicou reconhecer sua importância dentro das propostas implementadas no Brasil, cujo objetivo é inserir o idoso na Modernidade. No decorrer da investigação se observa que o seu valor transcende o simples aspecto de ser um espaço de sociabilidade mais gratificante entre os idosos. A universidade aberta é a porta de entrada de homens e mulheres para cultivar o encontro e assim revigorar essa forma de experiência tratada como superada pela influência da mídia na cultura.

A pesquisa de campo teve início no segundo semestre de 2000 e se estendeu até o segundo semestre de 2001. Para realizá-la defini como critério entrevistar os alunos inscritos nos cursos regulares e de introdução à informática em São Paulo e Piracicaba. Com exceção de dois estudantes de Piracicaba, todos os demais entrevistados foram acompanhados em sala de aula no decorrer de cada semestre. Ao optar por essa metodologia de acompanhamento em sala de aula, tive a preocupação de analisar os

processos de estudos, sem remeter esse trabalho à outra linha de pesquisa da ECA – Comunicação e Educação.

Compartilhar durante um semestre o mesmo ambiente desses idosos contribuiu para estreitar a relação com cada sujeito e identificar suas interrogações, frustrações, desejos, o que permitiu explorar algumas questões mais contundentes nas entrevistas. Essa abordagem permitiu ter clareza do impacto desse encontro e a reação tanto dos jovens como dos idosos. Somado a isso, pôde-se compreender melhor a nova leitura da realidade por esses estudantes, desta vez sustentada por conceitos de autores apreendidos nos cursos e os quais passavam a discorrer na interpretação sobre suas vidas e a realidade brasileira.

Selecionei para a entrevista, prioritariamente, os estudantes da Terceira Idade que apresentaram o seguinte perfil:

- Realizavam pela primeira vez um curso na USP
- Cursavam a disciplina complementar ou participavam de outros cursos na mesma escola

Essa seleção foi realizada por meio de contato com os estudantes e da identificação do perfil realizada no decorrer do curso.

As questões da entrevista, entre outras, versaram sobre:

- Os motivos que os levaram a retornar aos estudos: expectativas e perspectivas de vida.
- Mudanças provocadas no cotidiano de suas vidas ao ingressarem no Projeto da USP
- Análise da situação dos idosos na sociedade brasileira
- Valorização da sociedade por suas experiências de vida
- Influência dos meios de comunicação em suas vidas

Do universo de 35 estudantes, entrevistei, ao todo, sempre ao final de cada curso, nove estudantes da Terceira Idade, sendo quatro de São Paulo e cinco de Piracicaba (Esalq). As entrevistas foram gravadas em fitas cassete e transcritas. Consciente de a entrevista ser um diálogo possível, como contextualiza Cremilda Medina, em seu trabalho de título homônimo, procurei respeitar a individualidade de cada entrevistado. O resultado foi a coleta de uma variedade de discussões e riqueza de argumentos, enriquecidos com a surpresa dos estudantes de suas próprias capacidades analíticas sobre suas vidas e outras temáticas, as quais fundamentavam com base teórica em autores que discutiam em cada curso. Para avaliar com riqueza as entrevistas, sem transformar esse projeto de Comunicação e Cultura em uma pesquisa etnográfica, distribuí os depoimentos em categorias de análise.

Somado a isso, tive o retorno por escrito de mais sete questionários de estudantes de outras disciplinas. O questionário foi utilizado em classes onde havia dois ou mais estudantes inscritos. Por meio do acompanhamento em sala de aula pude mapear o perfil de todos os idosos participantes nas disciplinas analisadas. É importante salientar que o objetivo da entrevista não era conseguir uma descrição de várias temáticas dos entrevistados ou um registro de memórias. A proposta é dar voz a esses homens e mulheres para que seus medos, anseios, frustrações, alegrias sirvam como testemunho para a sociedade brasileira.

Pode-se descrever duas fases de desenvolvimento de análise desta pesquisa. A primeira centra-se no material preparado para a qualificação e a segunda na busca de argumentação, reelaboração, análise e exatidão de conceitos depois do exame de qualificação. No período anterior à qualificação, a proposta estava voltada a um plano: o da

interpretação dos dados obtidos por meio das entrevistas, em confronto com a proposta inicial do projeto e o referencial teórico.

Esse plano fez considerar como primordial desta pesquisa a garantia de partir de uma premissa teórica correta para dialogar com os sujeitos da pesquisa. A segurança nesse caminho possibilitou ter uma base de sustentação para, em seguida, não só interpretar os dados coletados como contextualizar com a realidade histórica. Para isso, iniciou logo uma série de conversas com professores pesquisadores das áreas voltadas aos problemas da velhice e da comunicação a respeito da análise que elaborava como ponto de sustentação da dissertação. O relatório de qualificação constou da apresentação de categorias de análise capazes de identificar os depoimentos dos estudantes da Terceira Idade a serem analisados.

As conversas com os professores auxiliaram não só a reafirmar muitos pressupostos teóricos durante o período de análise bibliográfica e nos relatórios em salas de aula, como também aprofundar a análise sobre alguns conceitos na segunda fase. E o principal deles é o diagnóstico de uma falta de criticidade do movimento histórico em que ocorre a substituição dos conceitos de velho, idoso e Terceira Idade no Brasil.

Com a base teórica definida e delimitada de acordo com a análise dos depoimentos coletados, pôde-se compreender o momento político atual em que o valor da velhice é separado da sabedoria, assim como entender o conflito desse processo excludente com a prática pedagógica formulada pela USP à Terceira Idade. Os homens e mulheres que retornam aos estudos na universidade aberta passam a vivenciar outra realidade daquela contida no discurso disseminado pela mídia, em que se privilegia um determinado tipo de envelhecimento positivo. Esse grupo priorizado pelo sistema é nominado nesta pesquisa como Idade do Lazer. Esse embate paradoxal apresenta dois resultados, entre outros, distintos: ao mesmo tempo em que se constrói uma cultura da Terceira Idade, indicando a

valorização do ser velho, constatam-se os efeitos de uma política pragmática, com o intuito de acentuar a marginalização da velhice, desta vez pela Teoria da Atividade, numa nova forma de conspiração do silêncio.

Ao identificar esse aspecto pode-se responder à uma questão que parece se apresentar como contraditória: o conflito entre o otimismo dos estudantes e o pessimismo de pesquisadores decorre da denúncia, destes últimos, a essa política pragmática que se estende da substituição do termo Terceira Idade ao idoso e velho até a "imposição", no cotidiano, da proposta de um novo conceito de experiência. Na prática, esse novo emprego do conceito de experiência positiva estabelece ao sujeito o desprendimento das experiências vividas, mantendo-as aprisionadas a outra época, que hoje se apresenta como antiquada, e se lance ao novo, ao que desafia a juventude na modernidade.

Está explícito, pelos depoimentos, que a alegria despertada nos estudantes é determinada pelas novas oportunidades abertas para a concretização de sonhos. E é analisando essa totalidade, ao invés de seguir somente pelo pessimismo ou pelo otimismo, no isto ou aquilo em que se orientam os grandes críticos do século XX, que será possível identificar os significados da velhice na sociedade contemporânea. Esse novo conceito de velhice construído na década de 70 precisa ser contextualizado na história do país para evitar que se adaptem os depoimentos à teoria ou vice-versa.

Esta análise permitiu redirecionar o emprego do conceito de memória na pesquisa, um passo essencial para redefinir outros critérios de análise. Identifica-se como ponto essencial desta dissertação discutir a importância do passado, materializada na experiência de vida dos estudantes e nos avanços das recentes pesquisas. As entrevistas foram contextualizadas por meio de análise comparativa dos aspectos sócio-econômico-culturais e a discussão sobre a memória orientada na análise das peças **Donana** e **Últimas Luas.**

Para mostrar no cotidiano as implicações dessa Sociedade de Informação e Comunicação serão analisados dois dos aspectos mais levantados pelos estudantes: obter conhecimento por meio do estudo e manter-se sempre atualizado. A perda da comunicação com os filhos, com outros integrantes da Terceira Idade, o diálogo restrito com os jovens refletem, como exemplos, o significado dessa sociedade da Informação e da Comunicação.

Com isso, houve uma clara seleção e delimitação do referencial teórico a ser trabalhado na pesquisa. O ponto de referência da análise foi contextualizar os problemas levantados pelos estudantes nas entrevistas com as temáticas discutidas nos trabalhos de Teoria da Comunicação. Esse procedimento analítico permite esclarecer que esta pesquisa não é um estudo de casos. A proposta é analisar a experiência de estudantes da Terceira Idade como meio de interpretar o significado da universidade aberta no Brasil. Não se pretende com essa análise generalizar para todo o movimento da Terceira Idade, já que a prática de outras universidades é diferente. Entretanto, a proposta é mostrar a experiência de parte desses homens e mulheres que se lançam a uma reproposta de vida e, ao mudarem suas realidades, provocam uma mudança sócio-cultural no país.

Esta dissertação apresenta a seguinte estrutura: no capítulo 1 **"Tempo de Rebeldia: Tempo de Alegria"** o objetivo é mostrar a alegria dessa experiência demonstrada pelos estudantes da Terceira Idade e identificar a proposta da universidade aberta da USP. A essência do projeto da USP é valorizar a experiência e memória desses estudantes, possibilitar uma troca de experiência com os jovens e vislumbrar um movimento político com a cultura da Terceira Idade. Para a concretização dessa proposta, a universidade precisa superar o discurso da mídia, cujo valor está ligado somente à cultura do divertimento. Se o passado é retomado, é somente com o intuito de diversão, e não de mudança social. A análise inicia com a discussão de como o conceito de Terceira Idade é

apropriado no Brasil, os motivos e os significados do retorno aos estudos e a diferença entre o que nomino como integrantes da Idade do Lazer com a Idade da Razão.

A proposta do segundo capítulo é mostrar a **"Marginalização e Proposição"** na sociedade moderna. Essa continuidade da conspiração do silêncio denunciada por Simone de Beauvoir, no início da década de 70, deve-se à rejeição dos estudantes da Terceira Idade em serem chamados de velhos. E o principal ponto de marginalização é a falta de sentido ao atingir a aposentadoria, o que exige refletir sobre os reflexos de um trabalho com o qual não se identifica. Mas a suposta tranqüilidade do sistema excludente é periodicamente perturbada. A força do testemunho de Ana, em 1975, no espetáculo **Donana**, e de um ex-professor de Literatura, em 1999, com **Últimas Luas**, no teatro, tem o mesmo propósito: enquanto os velhos não forem tratados com dignidade, a velhice está longe de ser considerada a idade da sabedoria. A análise dessas obras é uma forma de recuperar um valor perdido na sociedade contemporânea e que é o intuito do artista: o de comover as pessoas. A arte, a cultura, não podem ser considerados como algo à parte de nossas vidas.

No capítulo 3 a análise do **"Saber Cotidiano x Conhecimento Científico"** procura elucidar uma problemática encontrada nas entrevistas: a predisposição dos estudantes a novas experiências na modernidade se configurará no desprezo dos mesmos sujeitos por suas outras experiências? A proposta é mostrar a hierarquização valorativa dos estudantes, segundo o qual o conhecimento científico se sobrepõe ao saber cotidiano e ao mesmo tempo o conflito de estar em uma universidade onde se incentiva exatamente o inverso desse caminho: a importância do cotidiano. A universidade propicia uma nova forma de transmitir o saber, porém, esse processo só tem significado com a expectativa depositada pelos homens e mulheres da Terceira Idade nos **"Novos Homens"**. O capítulo termina com a discussão sobre **"A Crise da Experiência"**, materializada na criação da Universidade

Aberta da USP e sua importância para redefinir a experiência, como o cultivo da arte do encontro.

Reconceituar a experiência é o objetivo do quarto capítulo em **"Saber das Experiências"**. O conceito, empregado por Jorge Larrosa durante uma conferência na Unicamp, é retomado neste projeto para indicar o significado de experiência. A discussão deste capítulo mostra as possibilidades e as frustrações de autores como John Thompson, Marshall McLuhan, e Pierre Lévy que encontram nos meios de comunicação a possibilidade de uma explosão de experiências como contraponto ao seqüestro desta no cotidiano por instituições especializadas. Esse debate é enriquecido com a análise dos comentários dos sujeitos das pesquisas sobre as potencialidades da Internet para os idosos. O capítulo termina mostrando **"A Transformação da Realidade"** na vida de dois estudantes de níveis sócio-econômico-cultural diferentes: o autônomo David Barboza de Menezes, 72, em São Paulo e a enfermeira Dalva Mattoso Argoud, 71, em Piracicaba[1].

[1] - A idade dos estudantes da Terceira Idade citados nesta pesquisa é referente ao ano de 2001.

CAPÍTULO I

TEMPO DE REBELDIA: TEMPO DE ALEGRIA

A cultura da Terceira Idade que se cultiva com o projeto Universidade Aberta, especificamente da USP, prenuncia um novo tempo de valor histórico: o tempo de rebeldia. Toda vez que um novo aluno, de cabelos brancos, passos tímidos, olhar ainda desconfiado, trazendo implícito uma felicidade no semblante de que transpôs uma barreira importante na vida, se sentar em uma das cadeiras para participar das aulas com os jovens estudantes, ele está consciente de que algo substancial mudará na sua vida. E essa transformação individual é o que lhe dará forças para se armar coletivamente e com isso mudar o cotidiano da sociedade.

O primeiro cartão de visita do projeto é um convite para que esses homens e mulheres assumam um estado de rebeldia. O convite é sugerido de forma carinhosa, sem perder a força do que se propõe: “meu querido aluno da Terceira Idade, revolte-se”, proclama a coordenadora da Universidade Aberta e professora de Psicologia Social da USP, Ecléa Bosi. Há explícito no novo lema o diagnóstico de que não se pode mais esperar para agir, pois a destruição que está em andamento traz como resultante o esfacelamento do homem. “Não há tempo a perder, os que devastam o planeta são rápidos demais. Chega de abaixo-assinados e de lamúrias: vamos conscientizar por meio de atos criativos e bem humorados. Seja excêntrico, misterioso, desafiador”.[2]

Não é sem razão que a inspiração desse novo comportamento incitado à Terceira Idade esteja vinculada a história das vovós enfurecidas, descrita no catálogo. Elas se vestem com xales e chapéus antiquados e comparecem a atos públicos cantando velhas cantigas.

---

[2] – Catálogo de cursos da Universidade Aberta à Terceira Idade do 1º semestre de 2002.

Mas há uma mudança crucial. As velhas cantigas, agora são entoadas com letra nova "sobre os fabricantes de armas, a globalização, os desmatadores da Amazônia; cantam sobre o trabalho infantil, o embargo a Cuba. No Canadá e nos Estados Unidos elas detêm o braço da polícia que ia espancar os pacifistas. Se um navio carrega lixo nuclear para o Terceiro Mundo, lá embarcam elas num bote para protestar e fica bem difícil para um militar agredir uma avó em pleno oceano. Xales, sombrinhas, agulhas de tricô e canções são as armas com que vão à luta. Juntam-se em grupos de 10 ou 12 para sair. Reúnem-se para ler, discutir e planejar ações: sempre imaginando coisas para enfurecer os maus políticos.

Esse relato, em que se revela o vigor dessas vovós, provoca um sentimento de projeção e identificação nos novos alunos. Esse vigor manifesta-se como um estimulante, produzindo o efeito de uma nova energia que se dissemina pelo imaginário e atua no consciente de cada sujeito da Terceira Idade. É por meio desse retrato político que os estudantes identificam o campo possível para agir socialmente. "Não somos velhas, somos sábias. Além do mais não temos filhos nem emprego para cuidar; e teríamos tempo de ir pra cadeia, coisa que aliás, nunca aconteceu", explica D. Lassy, 69 anos. Outro depoimento coletado por Ecleá Bosi é de D. Alice, 91 anos, "que entrou na luta porque acha que as pessoas vivem inconscientes. Nós queremos acordá-las" [3], diz.

Essa é a essência do projeto Universidade Aberta da USP: através do processo de conhecimento e da união com os novos estudantes, espera-se que os mais velhos contribuam diretamente para um avanço na política brasileira. "Com o projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, queremos incentivar os alunos a se engajar em grandes causas públicas, lutas concretas como as lutas ambientais e pela qualidade de vida" (FLEXA,

[3] Depoimentos coletados por Ecléa Bosi e divulgados no catálogo de cursos da Universidade Aberta à Terceira Idade – 1º semestre de 2002

1999:06). Isso significa que o convite de rebeldia aos alunos propõe que o processo de conscientização, somado à troca de experiências que ocorrerão em salas de aula, reverta em atos concretos para a sociedade, contra todo esse atentado político que degrada o mundo. É um novo tempo que não pode ser sufocado com o sentimento individual de ter um semestre feliz. "Em vez de ser ranzinza ou implicante no quotidiano, seja ousado e terrível. Atemorize os que destróem a vida, os que degradam a cidade. Afinal, para que serve termos um passado, memória e experiência? Mais do que um semestre feliz, o idoso merece um tempo de plena rebeldia".[4]

A concretização do discurso está sustentada também por outro fator que Ecléa Bosi conhece profundamente. Os estudantes da Terceira Idade, que hoje retornam aos estudos, vivenciam um período de transformação individual extremamente rico. É o que a professora Bosi nomina como reproposta. "É uma fase em que a pessoa examina os próprios valores, indagando sobre o significado das coisas. Na Terceira Idade, muitas vezes, essa busca de novos caminhos chega a ser mais intensa do que entre os jovens" (FLEXA, 1999: 6-7). Os integrantes da Terceira Idade não estão somente em busca do conhecimento. É certo que esse é o instrumento com que se armam no cotidiano de suas vidas. Porém, há outro fator: é toda a sua vida que está posta em reflexão, o que envolve desde o que contribuíram no passado, até esse processo de mudança no presente e toda essa projeção de agir no futuro. Muitos deles estão afastados das obrigações trabalhistas, outros procuram um novo rumo para restabelecer o vínculo comunicativo com os filhos e outros simplesmente se embrenharam nessa nova realidade para entrar em sintonia com essa modernidade que se movimenta numa velocidade fora de suas lógicas. Em qualquer uma

[4] Catálogo de cursos da Universidade Aberta à Terceira Idade – 1º semestre de 2002.

das hipóteses se está diante de uma transformação radical do ser, que se aproxima muito do que Agnes HELLER (2000) afirma: “o homem é a substância da sociedade”.

Essa afirmação de Heller pode ser explicada por uma das frases que ela encerra o capítulo **Valor e História**, do livro **O Cotidiano e a História,** em que elucida de forma precisa sua posição sobre esses dois conceitos: é preciso desfazer a aparência de que nos encontramos em face do estranho plano de um arquiteto, em face da “astúcia da razão”. O ensaio proposto por Heller trabalha com dois conceitos importantes que definem a relação entre o indivíduo e a sociedade. O primeiro trata-se de apresentar uma interpretação de história. Segue então que a história é a substância da sociedade. Esse aspecto remete ao fundamento da proposta da autora: a existência da sociedade que desenvolve ao longo de determinado período está delineada pela história. Mas quem constrói essa história? Ora, é o indivíduo, que se situa como sujeito histórico tanto pela sua particularidade como homem, quanto pelo aspecto do gênero-humano. Segue então que o homem é a substância da sociedade.

Mas essa relação entre indivíduo e sociedade se prolonga até completar um determinado círculo interpretativo, o qual permite voltar-se aos mesmos princípios que impulsionaram uma interpretação sobre o conceito de história. Retomamos a frase acima colocada pela autora: “o homem é a substância da sociedade”. O que ela nomina como substância é a continuidade de toda a heterogênea estrutura social, a continuidade dos valores. E diante desse aspecto a autora complementa: “por conseguinte, a substância da sociedade só pode ser a história”. A história é a substância de uma sociedade que hoje se apresenta de forma heterogênea e estruturada socialmente. Uma sociedade que está diante da irreversibilidade dos acontecimentos sociais configurando o que Heller chama de tempo

histórico. Esse é um ponto fundamental do pensamento da autora: “o que se altera não é o tempo, mas o ritmo da alteração das estruturas sociais”. (HELLER, 2000:03).

Certamente ninguém discordaria que o ritmo de mudanças processadas na Idade Média é diferente do inaugurado com o espírito do capitalismo na modernidade. Talvez seja difícil comparar esses períodos, até porque estamos diante de outros valores que talvez não tenham se apresentado com tamanha força na sociedade contemporânea. Mas o fato de elucidar a questão das esferas heterogêneas, como interpreta a autora, nos esclarece a proposta não só de Heller, como particular, mas da Heller dentro de seu estado ontológico-social como integrante da Escola de Budapeste.

Agnes Heller nasceu em Budapeste, em 1929. Estudou filosofia na Universidade Eötvös Loránd, nessa mesma cidade, quando foi aluna de Georg Lukács, de quem posteriormente se tornou assistente, seguidora e colaboradora intelectual. Creio que o ponto importante para identificar a linha seguida pela autora seja entender qual o caminho proposto pela escola. Como nos confirma o próprio Lukács[5]: “Estudando de modo individual vários estágios socialmente significativos do desenvolvimento humano, essa escola procura situar de modo concreto as estruturas e as mudanças estruturais naquele processo histórico-ontológico que deve ser explicitado por uma correta compreensão do método de Marx”. Essa proposta também é esclarecida pelos tradutores do livro: “partindo da concepção do marxismo como uma ontologia do ser social (concepção que se desenvolve sistematicamente nas obras do último Lukács), a escola de Budapeste opõe-se tanto ao historicismo subjetivista (que dissolve as objetivações humanas em sua gênese

[5] Texto citado na nota sobre a autora Agnes Heller.

social imediata) quanto às versões estruturalistas do marxismo (que substituem a dimensão ontológica-social por um epistemologismo formalista e anti-histórico)".

Outro ponto fundamental para Heller na elaboração do seu trabalho é a construção do conceito de valor. Para a autora, valor é tudo aquilo que faz parte do ser genérico do homem e contribui, direta ou mediatamente, para a explicação desse ser genérico. E a autora, em seguida, novamente constrói o conceito de valor como tudo aquilo que produz diretamente para a explicitação da essência humana ou é condição de tal explicitação. No entanto, o ponto forte de sua obra está essencialmente na análise que compreende o movimento do tempo, da história e do valor em diferentes épocas, ou melhor, em diferentes estruturas sociais.

Essa referência obrigatória serve para que Heller se liberte em sua análise de um discurso que busca a todo o momento comparar os valores dos períodos históricos. Isso possibilita deter mais na profundidade do significado de determinado valor em determinada sociedade e compreender porque ele ressurge com tamanha intensidade em determinado período, tendo ficado encoberto por longos períodos. A discussão parte de uma opinião deixada pela autora no texto. "Opinamos, todavia, que em nenhuma esfera a obtenção de um valor pode vir a ser inteiramente anulada pela perda de um dos seus estágios. A realização é sempre absoluta; a perda, ao contrário, é relativa". (HELLER, 2000:09).

Eis aqui o que a autora conceitua como invencibilidade da essência humana. Um valor que não se perde, que só pode sucumbir com a própria humanidade, com a história. É nesse ponto que está orientada toda a análise de Heller. Trata-se de um aspecto fundamental que esclarece esse encadeamento que começa e se encerra com a definição de história como substância da sociedade. O que a autora procura explicar a todo momento é que a partir do instante em que determinado valor passou a ter alguma importância para a sociedade, esse

valor é irreversível para o homem. Só se encerrará quando for destruída a humanidade – uma ameaça por sinal que tem uma forte dimensão nesta sociedade com a bomba atômica. Até porque a busca de determinado valor na estrutura social provoca uma mudança significativa tanto no indivíduo quanto na sociedade em que ele atua. Isso é na verdade o que Heller chama como discurso da história. É o processo de construção de valores ou da degenerescência o caso desse ou daquele valor.

Fica claro a todo o momento que essa relação existencial do homem com o irreversível da história está ligado a seu movimento de hominização e do encontro do que se propõe o ser como essência humana. “A essência humana, portanto, não é o que esteve sempre presente na humanidade, mas realização gradual e contínua das possibilidades imanentes à humanidade, ao gênero humano”. (HELLER, 2000:04).

O conceito de valor trabalhado por Agnes Heller traduz de certa forma a inquietação provocada por Hannah ARENDT (2001) no debate sobre a cultura na sociedade moderna e na configuração do que hoje se estabelece como Sociedade de Massas. O ponto nevrálgico está na discussão que ARENDT identifica como desvalorização dos valores. O papel do artista, a natureza do objeto cultural perdeu seu significado, que é o de comover as pessoas. O esfacelamento do passado e do futuro diluído por um pragmatismo estritamente consumista coloca o homem dentro de um estado do qual ele não consegue mais identificar a si mesmo. Torna-se imprescindível retornarmos a Tocqueville: “desde que o passado deixou de lançar sua luz sobre o futuro a mente do homem vagueia nas trevas”. (ARENDT, 2001:32). Será que a sociedade de massas apresenta condições para que o homem encontre espaço de se contrapor ao que é apresentado como único valor na sociedade industrial? Quais são as brechas que se abrem para a resignificação de um valor que possa dar significado a essa essência humana? Essa é a luta da humanidade.

A análise das autoras, ao partir do pressuposto marxista, ratifica um importante reconhecimento de uma estrutura movida por uma classe dominante que procura orientar a sociedade por um ritmo vinculado ao domínio econômico. Para Heller, o ritmo diferente nas esferas heterogêneas fundamenta a desigualdade do desenvolvimento -, que constitui uma categoria central da concepção marxista de história. Para Arendt, é a sociedade que passou a envolver a massa da população – sociedade de massas. E ao mesmo tempo em que envolveu todas as estratificações sociais, fechou as alternativas de fuga, principalmente para o artista.

O principal efeito desta causa é a barreira que se levanta para o desenvolvimento do indivíduo tanto no plano particular quanto no plano social. Eis o ponto que ratifica o debate: o conceito de invencibilidade da essência humana empregada por Heller é a mesma esperança que toma conta de Arendt ao propor a resignificação de determinado valor no passado. Posto de outro modo, ambas as autoras denunciam uma realidade que obscurece a experiência do passado, uma realidade que castra na prática a realização de alternativas em busca de valores humanos do homem. Em suma, distanciam-se na irreversibilidade do tempo essas ações de contestação.

Mas a discussão não fica e nem poderia estar somente restrita a esse item. Há algo mais. O valor, que esteve no auge em outra estrutura social, hoje é o fio condutor que o homem procura encontrar para poder trilhar o seu futuro. No momento em que o presente - ou como denuncia Hannah Arendt, esse espaço entre o passado e o futuro – impõe uma realidade ao indivíduo, seja como particular, seja no plano social, a lembrança do passado surge como força para se contrapor ao dilema do homem como mera estatística e sua colocação como construtor do movimento da história. Até porque as autoras reconhecem a

importância do julgamento, do juízo de valor do sujeito em relação ao outro, com aquilo que é apresentado pela sociedade.

A possibilidade de negação e a idealização de uma nova realidade fazem parte constitutiva da realidade do sujeito. Mas para isso o homem precisa não ser levado pela história. Ele precisa se conscientizar de que mudar o mundo hoje implica numa mudança inicial de si mesmo. E que a frustração de gritar no vazio de uma sociedade que perdeu a importância do valor, não pode arrefecer a inquietação positiva da desesperança: a busca incessante de um valor histórico no passado para a construção consciente do futuro.

É nesse processo que podemos situar esse novo valor que se busca com o projeto da Terceira Idade. Há uma mudança no indivíduo com a sua reproposta de vida. Essa reproposta estará amparada ou reafirmada por um conhecimento científico que se somará à sua experiência de vida. A reconstrução do novo homem está na força de mudança social, da posição política almejada pela coordenadora Eclea Bosi. E o crescimento estatístico gradual de estudantes em busca de um alimento sustentável para suas vidas, parece corroborar com o discurso de que será difícil silenciar essas vozes que se levantam na universidade. Isso porque a mudança qualitativa em suas vidas serão revertidas em ações no cotidiano que, quando postas em prática nesta sociedade de massas, apresentarão um valor de mudança histórica. Esse é o principal ponto de análise estabelecido por HELLER (2000): “as esferas são heterogêneas, mas não são hierárquicas”. Isso implica que o movimento histórico de mudança desta estrutura social não tem que se iniciar estritamente no plano econômico. A mudança desse período histórico pode se iniciar tanto pela política, pela moral, pelo religioso, ou pelo plano cultural.

A Universidade Aberta à Terceira Idade na USP teve início em 1993, com a proposta de dar oportunidade aos velhos trabalhadores, principalmente de classes menos

favorecidas, de adquirir conhecimentos dos quais não tiveram acesso antes. Pode-se dizer que o espírito que motivou a concretização do projeto começou com o arte-educador Sylvio Coutinho. Em 1989, ele colocou em prática o curso **Lazer com Arte para a Terceira Idade** no Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP). "Eu notava que quando a Cidade Universitária permanecia aberta à comunidade, geralmente, as pessoas mais idosas ficavam como que esquecidas e isso me intrigava. Comecei então a pensar se não seria interessante oferecer àquelas pessoas uma hora de lazer com arte. Era isso. Em 1989, dei vida à minha idéia". (REPROPOSTA, JUN/1998: 6). O curso começou com 15 alunos. Nove anos depois já estava com 63 inscritos divididos em três turmas.[6]

Desde o início do Projeto Universidade Aberta, a USP registra aumento gradual de alunos que decidem retornar às universidades, com o objetivo de trocar informações e experiências com os alunos adolescentes e iniciantes no curso superior. Somando todos os campus da USP, havia 847 inscritos em cursos regulares e atividades complementares didático-culturais e fisíco-esportiva, em 1994. Cinco anos depois, o número de idosos saltou para 5.186. Ao trazer a experiência que adquiriram durante a vida, esses estudantes revelam uma nova face da "velhice", até então vinculada ao aspecto negativo.

A emergência de mudanças que se incitam aos integrantes da Terceira Idade nesta estrutura social é decorrente do diagnóstico da implantação de uma política pragmática, que procura desfazer, até como forma de poder, qualquer significado do valor do passado na sociedade atual. O discurso de que atravessamos um processo irreversível de mudança provocado pela tecnologia busca encobrir e desqualificar qualquer tipo de conhecimento

[6] A proposta do curso Lazer com Arte é provocar uma relação dialógica entre as poéticas do artista e do aprendiz. No curso o professor usa o acervo do MAC-USP para apreciar os trabalhos de artistas como Much, Manabu, Paul Klee, Kandinsky, entre outros. Com caráter interdisciplinar, os alunos da Terceira Idade fazem visitas a museus, exposições de arte, cinema e teatro.

que se vincula ao cotidiano. É nessa realidade que os novos homens e mulheres são chamados à ação para construir suas vidas. E é transpondo esse estágio que o projeto Universidade Aberta pretende transformar o presente deste país. É isto que está contido no brado: “não temos mais tempo”. Há que se compreender que a estrutura social em que se processa essa proposta de mudança está determinada por um desprezo ao passado – uma forma de controle da qual Hannah Arendt é uma crítica contumaz.

A pergunta que ecoa na obra de ARENDT (2001) é essencial para entendermos o objetivo deste projeto da Terceira Idade na modernidade: qual o valor do passado na transformação de nossa sociedade? Ou melhor, essa questão pode ser reformulada para: qual a mudança de valor que essa cultura da Terceira Idade provocará na velhice, que vivencia nesta estrutura social, em que se verifica um desprezo sintomático pelo passado?

Para entender o contexto problemático é preciso entender que essa interrogação ratifica a crise que permeia a sociedade cujo valor está associado diretamente ao fator utilitarista. Vincula-se crescimento pessoal e desenvolvimento social estritamente ao tempo futuro. Esse determinismo econômico de certa forma coloca nossa sociedade em movimento contrário ao que regia as sociedades romanas, que considerava o crescimento, no retorno e valorização do passado. Em sua análise, ARENDT (2001) descreve esta diferenciação:

> *“ao contrário de nosso conceito de crescimento, em que se cresce para o futuro, para os romanos o crescimento dirigia-se no sentido do passado. (...) A tradição preservava o passado legando de uma geração a outra o testemunho dos antepassados que inicialmente presenciaram e criaram a sagrada fundação e, depois, a engrandeceram por sua autoridade no transcurso dos séculos. Enquanto essa tradição fosse ininterrupta, a autoridade estaria intata; e agir sem autoridade e tradição, sem padrões e modelos aceitos e consagrados pelo tempo, sem o préstimo da sabedoria dos pais fundadores, era inconcebível”*. (ARENDT, 2001:166).

Há dois propósitos que se objetivam com a proposta da Universidade Aberta da USP. Primeiro é que em nenhum momento se desvincule o agir de cada um com a sabedoria e experiência adquirida ao longo da vida. Esse diferencial contido na prática da USP é primordial para a discussão que se fará nos capítulos 3 e 4 sobre o conceito de experiência. O segundo propósito é vincular que a transformação só se completa quando se estende ao cotidiano social. O valor da existência do homem como substância da sociedade só tem significado quando o homem constrói a história em confronto com aqueles que procuram determinar o ritmo da estrutura social sustentando-se no aspecto econômico. É a heteregoneidade das esferas sociais diante do que se procura estabelecer como homogêneo.

O primeiro ponto pode ser entendido pela justificativa contida no estatuto da Associação dos Alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade (AAUATI) da USP: "Os alunos do Projeto Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) relatam ter despertado para a possibilidade de tornar sua experiência de vida mais rica, com o aumento da auto-estima por vários fatores: a surpresa de perceberem que, apesar de idosos, ainda têm condições para aprender, para atualizar seus conhecimentos; participarem como cidadãos ativos da sociedade". [7] O despertar para um novo processo de conhecimento cotidiano é descoberto por cada idoso como um fato surpreendente. E essa surpresa só pode ser entendida se for tomado como referência que essa prática indica um novo momento de ação na sua vida. É uma mudança para agir na estrutura social, porém sem desprezar a continuidade histórica de sua vida. Nesta ação está a explicitação do segundo ponto: participar como cidadãos ativos de sua sociedade.

[7] - A justificativa foi obtida durante entrevista à então presidente da AAUATI, Lígia Bove, no segundo semestre de 2000.

Esses propósitos almejados pela Universidade Aberta da USP somam-se a outros pontos de diferenças das outras Universidades do qual se tomou como referência. Antes de montar o projeto na USP, Ecléa Bosi conta que teve a oportunidade de conhecer universidades para Terceira Idade na Itália, França, Suíça e Argentina. “São em geral pagas e oferecem uma série de conferências. Em Paris, os cursos são dados na Sorbonne por professores de renome, e no Institut Catholique. Os professores são muitos bem pagos porque os cursos são caros. O nosso é gratuito e favorece preciosa convivência de gerações com vantagens para ambos os lados”. (BOSI, 1997:4). Ao analisar o velho na universidade no velho mundo, em sua tese de doutorado, a professora Altair Macedo Lahud descreve uma das universidades que analisou no estágio efetuado na Europa em 1991: “A universidade da Terceira Idade de Genebra, onde fui recebida para estágio, atende a uma elite de idosos sadios, genebreses ou não (não somente suíços), de uma classe privilegiada que, na aposentadoria, pode usufruir e pagar individualmente pelas atividades em que se inscrevem”. (LAHUD, 1994:70).

O sistema de admissão de cada aluno na USP é simples: um professor oferece, por exemplo, cinco vagas na sua disciplina de graduação. Os alunos são comunicados e aparecem na data marcada para a entrevista com o professor. Este seleciona os que consideram aptos, segundo o próprio critério. As fichas são enviadas para a secretaria. Mas há professores que abrem vagas para todos os inscritos, como pude constatar durante o trabalho de coleta de dados e análise em salas de aula, que se estendeu do segundo semestre de 2000 até o segundo semestre de 2001. Ao todo acompanhei nove disciplinas, o que resultou num público analisado de 35 integrantes da Terceira Idade. Em disciplinas como a de Estética e História da Arte II, da professora Elza Ajzemberg, por exemplo, haviam 14 alunos inscritos. Todos esses alunos são conscientes de que devem fazer provas,

seminários, pesquisas, como os alunos regulares. Como explica Ecléa Bosi, de sua freqüência e nota irá depender a obtenção de um certificado final da disciplina expedido pela Pró-Reitoria. “Não são alunos regulares de graduação, nem alunos ouvintes: são alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade”. (BOSI, 1997:4).

Há outro ponto fundamental que precisa ser compreendido antes de analisar os sujeitos da pesquisa em São Paulo e Piracicaba (Esalq) e confrontarmos com outro conceito de Terceira Idade que ganha força e cuja vinculação está restrito ao lazer. A coordenadora Ecléa Bosi é enfática ao conceituar o que é a Terceira Idade: “Muitas pessoas bem intencionadas me perguntam com certa timidez: para designar a Terceira Idade, devemos falar velho, idoso? A resposta é que devemos usar velho e idoso como palavras bonitas que são, tirando delas toda conotação negativa e toda carga de preconceito. Ser velho é bonito. Ter um velho amigo é bom, e ter um amigo velho é muito bom”. (FLEXA, 1999:6).

O comentário de Bosi está na mesma sintonia do discurso de Hannah Arendt quando comenta sobre a sociedade romana: o crescimento está vinculado no rumo ao passado, construindo o futuro. Esse pensamento pode ser clarificado ao lermos a justificativa que complementa a resposta de Bosi à questão lançada acima: “Isso porque, em geral, as pessoas melhoram com o correr dos anos, ficando mais tolerantes e abertas. É o que tenho experimentado nas relações humanas. Dona Ema, que é a mais velha lutadora dos Direitos Humanos que conheço, e que está com 90 anos, sempre diz: ‘eu já fui velha, isso faz tempo, agora sou anciã’. São coisas que nos alegram ao escutar”. (FLEXA, 1999:6).

1.2 – IDADE DO LAZER

Há uma alegria que se extravasa na expressão dos homens e mulheres da Terceira Idade. Esse sentimento do qual agora vivenciam a “melhor idade”, é sintomático: parte-se do pressuposto de uma descoberta fora do princípio de realidade, governado pelo trabalho nas indústrias e nos afazeres domésticos, de existir outro tipo de vida pulsante. “Estudante da Terceira Idade é você realizar um sonho que estava dentro de você. Eu me sinto muito feliz de estar aqui e pretendo continuar com outros cursos”, explica Esther Wacchi Passos. (Esther, Entrevista: 11/2001) Uma análise ao pé da letra desse depoimento de Esther remete ao seguinte: aos 56 anos, ela era uma mulher incompleta em sua realização de vida. Era uma amargura que perdurava sua infância quando precisou abandonar os estudos para ajudar os pais no trabalho da roça. “O meu sonho sempre foi estudar, mas como não tive a possibilidade quando era jovem, agora estou realizando esse sonho. Não tive oportunidade porque morava no sítio e não tinha condições financeiras, nem condições... não tinha carro na época, o ônibus, não tinha nada, não tinha acesso”. (Esther, Entrevista: 11/2001). A possibilidade de mudar seu futuro ao concretizar um sonho de vida veio com a Universidade Aberta da USP.

O que é ser estudante da Terceira Idade? A questão enunciada no decorrer de cada entrevista tem um peso importante para entender os sujeitos desta pesquisa. Mais do que isso: ao se identificar à forma como eles entendem seu papel na universidade, pode-se diagnosticar a distância ou proximidade desses sujeitos da proposta do projeto da USP salientada por Ecléa Bosi. Mais do que uma auto-análise, a resposta permite identificar como a busca de conhecimento na universidade estrutura seus planejamentos futuros e as mudanças em suas vidas. Ou, na pior das hipóteses, em que momento essa nova realidade

deixa a frustração de que esse espaço aberto em nada produz frutos para encontrar ou reafirmar essa reproposta de vida.

A explicação dos homens e mulheres está voltada para uma auto-análise da sua realidade social e histórica, embora algumas vezes soe como impessoal, carregando a impressão de que a análise versa sobre todos os outros estudantes da Terceira Idade com os quais conviveram em sala de aula. Para Erlinda Casarotti, 66 anos, estudante da Terceira Idade é "uma pessoa que está se esforçando para continuar assim acompanhando as coisas atuais, mesmo na parte mais intelectual também. E para conviver com as pessoas, para não perder aquele ciclo de vida, aquela vida renovada, sempre bela". (Erlinda, Entrevista:11/2001). Em suma, o que está explícito é que o integrante da Terceira Idade está consciente de que tem um "déficit intelectual acadêmico" em relação aos mais jovens. Poderia se interrogar: e a sabedoria e a experiência do idoso, não é o diferencial? Certamente que sim, porém é preciso compreender qual é o contexto em que o discurso de Erlinda e de outros se enquadra nessa linha. Em seu depoimento ela atribui um valor existencial para a Terceira Idade dissociado daquilo que poderia ser atribuído ao velho – diferença crucial que discutiremos no próximo capítulo.

Outros depoimentos retratam esse estado de felicidade, de harmonia com o princípio de prazer, ao encontrar as portas abertas da universidade. "É se sentir valorizado, ampliando os seus conhecimentos para a integração com a família e a sociedade", revela Áurea di Rienzo Bulbão, 76 anos. (Áurea, Questionário: 12/2000) Para Maria Vera Thurler, 65, "é ter a oportunidade de receber novas informações, poder observar e sentir os jovens e fazer parte dessa nova geração". (Maria Vera, Questionário: 12/2000). Shyrlei Graciano, 64, afirma que ser estudante da terceira idade é "voltar a sonhar com a melhoria de vida para mim e para todos". (Shyrlei, Questionário: 12/2000).

A idéia de que a entrada na universidade trouxe algo substancial em sua vida pode ser entendida pelo depoimento de Ellen Schaffa, 76 anos. “Ser estudante da Terceira Idade é ter uma finalidade na vida fora os afazeres de casa, de esporte, de clube. É uma coisa mais séria que dá muita satisfação”. (Ellen, Entrevista: 02/2002).

Outra que não se cansa de mostrar o entusiasmo é Therezinha Cezar Savaya. Para ela,

> *“ser estudante da Terceira Idade é ser imensamente feliz! É uma dádiva divina! Você sente amor de todos os lados, fora da sua família você aprende a fazer uma retrospecção, avaliação do seu passado, o que é muito gratificante, parece que a gente dá um acabamento mais aprimorado para a própria vida, é um verdadeiro tratamento do mais profundo amor! Agradeço, peço a Deus que abençoe a todos os que contribuem para os cursos da Terceira Idade; jamais deixarei de agradecer, orando fervorosamente por todos”*. (Therezinha, Questionário: 12/2000)

A análise das frases acima dá uma dimensão não só do que propriamente seja o estudante da Terceira Idade, como também é um indicador de quais eram suas frustrações e o grau de realização como sujeito que eles vivenciam atualmente na sociedade contemporânea. É a ruptura com um cotidiano que se apresentava muitas vezes sem sentido individual, sem significado social. Pois só isso pode explicar esse estado de euforia e de integração que esses homens e mulheres encontram nesse espaço alternativo. Mas não é só com alegria e o sentimento de realização que esses sujeitos se identificam na universidade aberta. Para Graças Maria Santos Oliveira “ser estudante da Terceira Idade é apenas ser um estudante ouvinte”. (Graças, Questionário: 12/2000). Isso, por sinal, é a mesma angústia que toma conta de Luiz, como me revelou durante o intervalo de uma aula.

Há nesse aspecto que se identificar um primeiro desprendimento da proposta do projeto: a desistência de alguns alunos por não conseguir se sentir participativo nas aulas. Embora não tenham sido sujeitos de análise desta pesquisa, é preciso descrever que nem

todos os estudantes conseguem se completar ao entrar nesse projeto. Qual é o sentimento que toma conta desses homens e mulheres ao enfrentar essa frustração na universidade aberta? Terão forças para buscar um outro espaço alternativo? Será que a sociedade abrirá espaço para sua realização pessoal? Essas são respostas que poderão ser exploradas em posterior trabalho de pesquisa.

A proposta desta dissertação é entender esses homens e mulheres da Terceira Idade que recorrem à universidade como um espaço de realização pessoal. Há que se situar outra diferença: os homens e mulheres da Terceira Idade que se lançam ao conhecimento não querem ser comparados com a outra Terceira Idade que busca na universidade somente distração e não consegue enriquecer seu diálogo no cotidiano, ficando presos a conversas sobre "futilidades" do dia-a-dia, como alguns entrevistados fizeram questão de frisar. É isso o que esse grupo, diferenciado, expressa ao afirmar o que é ser estudante da Terceira Idade.

É certo que essa discussão está enunciada em uma questão chave: por que se estuda? Está implícito nesse retorno à universidade que os homens e mulheres estudam para desenvolver outras potencialidades como sujeito histórico, para expressar o seu ser ao outro. Essa é a essência do ser humano e de certa forma está projetado nesta proposta política da Universidade Aberta da USP. Como bem enfatizou em palestra a presidente da AAUTI, Maria de Lourdes Wei Märtz: "A aspiração máxima do ser humano é ser alguém. Mas essa aspiração só está inteiramente realizada quando se é alguém para alguém. Ser alguém é preservar a identidade, isto é, o que se tem de igual e diferente dos demais. Ser alguém para alguém é ser reconhecido, aceito, valorizado e respeitado". (REPROPOSTA, DEZ/2001:12)

A questão essencial que podemos localizar nesses estudantes é: em que momento desponta uma necessidade premente de exteriorizar essa potencialidade, mas de alguma

forma não se consegue mais verbalizar ou já não se tem mais “substância” para intervir na realidade presente? A resposta, assim como a pergunta, tem que ser buscada na realidade cotidiana: o que se altera é o ritmo de mudança da estrutura social. Os integrantes da Terceira Idade trabalharam, cuidaram de seus filhos, construíram toda a sua vida com um significado em um período histórico. Mas a modernização tecnológica seguida de toda uma ação política pragmática os deslocou para um passado a que não se dá mais importância. Cresce-se para o futuro. Ou quando são lembrados, o tratamento que se dá é sempre com referência ao sem utilidade nos dias de hoje ou simplesmente marginalizado sob o discurso de antiquado.

Com a lucidez de se estar diante de uma outra estrutura social, com a perda da “sua época”, esses homens e mulheres buscam se agarrar a algo sólido para que possam adquirir novas potencialidade ou revigorar as outras que lhe permitiram vivenciar todo esse período presente. Só que isso se reflete em dois problemas: o ritmo de mudança na estrutura social provocada pela tecnologia é mais veloz que o ritmo de interpretação dos idosos. Até mesmo os jovens procuram a todo custo acompanhar esse progresso e entrar em sintonia com as mudanças ditadas como irreversíveis, mas que não dá mais tempo para a solidificação conceitual. O segundo problema para a Terceira Idade é que essa realidade significa a existência de um espaço de comunicação que foi fechado. E o triste diagnóstico é que não há mais como expressar pelos conceitos anteriores essa nova potencialidade que se almeja nessa relação social. Diante desse fato, se compreende que o retorno dos estudantes aos estudos vai além do simples aspecto de uma nova proposta de comunicação. O que está posto na realidade é a necessidade de reconstruir uma identidade, de se situar como sujeito histórico.

É com esse pressuposto que devem ser compreendido os depoimentos sobre a questão: o que é ser estudante da Terceira Idade?

- É sentir-se valorizado, ampliando os seus conhecimentos para a integração com a família e a sociedade
- Voltar a sonhar com a melhoria de vida para mim e para todos
- Ter uma finalidade na vida fora os afazeres de casa, do esporte, do clube
- Aprender a fazer uma retrospecção e avaliação do passado, o que é muito gratificante
- Receber novas informações.

Essa proposta de reconstruir sua identidade no presente está determinada nesta dimensão que ARENDT (2001) nomina como entre o passado e o futuro. Talvez o depoimento de Erlinda retrate essencialmente o que implica esse revigor das potencialidades: “é uma pessoa que está se esforçando para continuar assim acompanhando as coisas atuais, mesmo na parte intelectual também”. É essa busca, esse trabalho de refazer-se que se torna um diferencial dos integrantes da Terceira Idade que passam a participar do projeto na sala de aula. E é por causa disso que eles buscam se livrar do preconceito que remete a Terceira Idade como simples “Idade do Lazer”.

As imagens da Terceira Idade que são disseminadas pela mídia parecem estar vinculadas a um simples aspecto: o da teoria da atividade desprendida de um aspecto político. As reportagens transmitidas nos diversos canais procuram mostrar os senhores da Melhor Idade em ação. O vigor está relacionado ao número de braçadas na piscina; à disposição de desferir golpes em sacos de pancada no treino de boxe; ao salto de asa delta; e aos quilômetros diários a fio que são vencidos em passadas calmas nos parques e ruas. Em todas essas imagens está em discurso que a mudança da Terceira Idade hoje depende de

cada pessoa – um discurso que soa coerente com um sistema que incentiva o individualismo às últimas conseqüências.

Mas, como ocorre muito na mídia, os textos noticiosos são enfocados como se tivessem deslocados da história, da estrutura social que se apresenta. Os integrantes da Terceira Idade se modernizam não porque atingiram um grau de consciência que os equipam a transitar pelos períodos históricos que vivenciaram e que vivem, mas sim pela atividade; o que equivaleria ao fim do discurso “na minha época”, já que enquanto o ser humano vive ele atua em sua época. Eles são mostrados a toda hora como super homens ou “menininhos esforçados” que conseguiram sair da clausura. A alegria que se dissipa pela mídia não é mais o sentimento de que se está diante do início de um processo de mudança histórica; é simplesmente o fato de que as realizações particulares podem ser concretizadas em qualquer momento da vida, sem com isso alterar em nada a sociedade.

Nesse ponto é possível analisar a diferença de forma que o sistema passe a se utilizar do conceito de Terceira Idade no Brasil, em relação ao proposto por Ecléa Bosi no projeto Universidade Aberta da USP. Para a mídia, a Terceira Idade está absorvida somente no reino de um prazer controlado. Os treinos em que mulheres idosas em São Paulo vão religiosamente praticar boxe são mostrados como algo inimaginável. As idosas comentam a alegria, mas a mudança em seu cotidiano permanece reduzida só pelo fazer uma atividade que não se integrava ao seu dia-a-dia, à rotina dos afazeres domésticos. A mídia entrevista e reproduz a admiração dos filhos, muitas vezes netos, mas se encerra aí. Os efeitos positivos da natação são conhecidos por todos. A idosa com 70 anos é mostrada cruzando a piscina em braçadas equilibradas, ao se preparar para uma competição. A questão que fica é: se o objetivo da matéria é mostrar o diferencial da velhice em relação a outros períodos históricos, por que não se vai além do discurso de que natação significa qualidade de vida?

Há uma insistência tão demarcada na questão do lazer que uma das imagens mais recorrentes do público quando se fala da Terceira Idade é o baile. Nas associações de aposentados, em clubes ou em salões, os bailes de final de semana são agitados. De certa forma, a convivência social que se concretiza com a dança é fundamental para manter um dos prazeres do ser humano e expressar a vida. Só que o retrato desses bailes só é visualizado como um ato de benevolência dado aos cidadãos que nada tem a fazer mais na vida. É uma distração. Em nenhum momento se contextualiza o que representa a esses homens e mulheres se expressar pela dança na Terceira Idade, nesse comportamento espontâneo de mostrar-se livre. Pode-se partir de uma constatação que Therezinha Martha Horugel, uma estudante da Terceira Idade, iniciou uma matéria: “quando jovem, quase toda a pessoa sente um prazer enorme em dançar. Os bailes de formatura, as danceterias, os festejos juninos, o carnaval. Para alguns, esse prazer perdura por anos. Depois de casados, continuam dançando com seus companheiros, mas não com tanta freqüência. De uma vez por semana, passa-se a uma por mês, depois só nos aniversários e aos poucos...não se fala mais nisso”. (REPROPOSTA, MAIO/99:4).

Por esse pressuposto pode-se interpretar que longe de matar o tempo dos que não tem mais o que fazer, a prática da dança na Terceira Idade consiste em assumir um valor do qual vamos cotidianamente desprendendo do nosso ser. Por razões diversas, ela vai tomando papel secundário em nossas realidades. Se a sociedade tivesse um outro olhar para os bailes dos idosos, como o diagnóstico de que eles estão restaurando um valor que não pode ficar ausente de nossa vivência, certamente ninguém ousaria ocultar essa forma de expressar a vida, tão efusiva como a dança, para um futuro distante, quando assim teriam a liberdade de afirmar que agora, sim, está na “melhor idade”.

Mas o que se assiste na realidade é que os homens e mulheres da Terceira Idade não são tratados como homens e mulheres. Em busca de encontrar uma forma "carinhosa" de conviver com os idosos, algumas pessoas perdem a dimensão de que estão diante de um homem ou de uma mulher. A diretora Aracy Duarte Ferrari, uma das entrevistadas, confessa que essa é uma questão que já há alguns anos se debate contra essa postura dada pelos monitores aos mais velhos durante as viagens, passeios, exercícios físicos, ginásticas, hidroginástica, etc. "Eu tenho dito aos monitores: menina, fulano, fulana: eu não gosto para mim e acho que meus amigos não gostam que usem essas expressões: levantem o bracinho, levantem a perninha, abaixem a cabecinha. Não; se nós temos mais idade, nós temos até mais bração, mais perna, então devemos ser iguais aos demais. Levantem a perna, levantem os braços. Esses diminutivos não se coadunam com uma sociedade do século XXI". (Aracy, Entrevista: 06/2001).

E a crítica disparada por Aracy vai além de uma forma de tratamento que ela repugna no cotidiano. Ela se estende ao modo similar com que esse discurso se dissemina na mídia, independente a quem se dirige.

> *"Esses dias, na televisão, foram entrevistadas algumas senhoras profissionais – uma excelente modista, uma pintora, outra de literatura; e a entrevistadora dirigia as palavras:*
> - *E as menininhas, o que fazem aqui? As menininhas estão gostando da pergunta?*
>
> *E uma delas questionou também sobre a maneira do tratamento:*
> - *Por que menininhas?*
>
> *É talvez a maneira carinhosa, mas tanto eu como colegas que eu tenho conversado (essas palavras) não condizem com a realidade. E a realidade é sempre o melhor. Nós somos senhoras, nós somos indivíduos e tão iguais aos demais. Usar a palavra também idoso não há problema nenhum. Mas idosos, em vez de menininhas o que estão fazendo aqui. E desde que o idoso seja respeitado como tal."* (Aracy, Entrevista: 06/2001)

O que mais provoca a revolta em Aracy é o reconhecimento dela não ser tratada da forma como é: uma senhora, um indivíduo e tão igual aos demais. O chamado de menininha deixa claro que a relação entre os sujeitos deixa de ser transparente e passa a ficar ofuscado pelo obstáculo do preconceito, travestido de carinho. Não se chama de senhora, de velha, para não incorrer em ofensa. Fica claro que ginástica é uma prática estritamente para quem é jovem. E se elas estão em exercício é porque são jovens; melhor, menininhas.

A primeira constatação é que a sociedade não consegue encontrar no termo velho o seu lado positivo. É isso o que diz Ecleá Bosi antes de responder o que é Terceira Idade: "Muitas pessoas bem intencionadas me perguntam com certa timidez: para designar a Terceira Idade, devemos falar velho, idoso?" No fundo são pessoas bem intencionadas, mas que contribuem para um reducionismo da importância da Terceira Idade.

Senti essa nova forma de negação do velho em vários momentos, dos quais citarei alguns que podem mostrar a presença desses homens e mulheres na esfera cultural. A primeira foi numa apresentação de dança, em Salto. Em meio aos números de jazz, ballet clássico, dança de rua, foi apresentado com efusiva alegria o número intitulado "Os Embalos Continuam". Os integrantes da melhor idade, vestidos como nos anos 60, dançaram ao som das tradicionais músicas da época. É certo que não se exigia dos dançarinos movimentos mirabolantes, nem rodopios em velocidades estonteantes. Mas também soa contraditório o simples aplauso pelo aplauso, em que a única mensagem explícita é o espanto: "nossa, eles ainda tem coragem e disposição para dançar".

Essa é a mesma sensação que tive do público durante uma mostra de valsa propiciada pelos integrantes da melhor idade, num domingo à tarde em uma praça pública em Itu. Com os coros da Terceira Idade acontece o mesmo. Montam-se as quatro vozes,

passam-se alguns ensaios e lá se vão para a apresentação. Como diz um professor de música, com a Terceira Idade é possível montar grupos, mas não coros. O motivo dessa precaução é evitar expor ao ridículo esses homens e mulheres que tanto batalharam na vida e que buscam no canto uma forma de expressão no presente. O que se assiste, em alguns casos, é o ajuntamento de 20 ou mais integrantes, cada um cantando mais forte do que o outro, tornando díspares as vozes. Mas o público aplaude, não pela apresentação da qual esses sujeitos esperam reconhecimento, mas pelo esforço de subirem no palco nessa idade.

Esse olhar distorcido para a Terceira Idade contribui para que determinados setores ultrageneralizem e afirmem com desprezo de que se está interessado somente no lazer. Ao afirmarem a sua capacidade de luta em prol dos idosos, os militantes aposentados comparam suas "lutas" com o movimento da Terceira Idade. O teor dessa comparação é analisado no texto "o papel do aposentado como ator político" de Júlio Simões:

> "*Para os aposentados militantes, esses grupos (da Terceira Idade) desenvolvem principalmente atividades de lazer que são um 'descanso', um 'refrigério', uma 'diversão'. Mas a atividade mais importante, que é a 'luta', a 'ação dentro de sua entidade de classe', essa somente o movimento e suas associações proporcionam. "Esse é o nosso alimento", diz o sr. Roberto Pires, liderança da Federação dos Aposentados e Pensionistas do Rio de Janeiro, pois "a pessoa só está viva enquanto luta, quando ela pára os órgãos todos param e ela está morta*". (BARROS, 2000: 24).

O conceito de Terceira Idade, ao ser desvinculado socialmente do velho, ao ser reduzido meramente a uma Idade do Lazer, sofre uma perda de sua força como ação política. E sem essa sustentação existencial, a mudança cultural que se projeta como vir a ser pelo conhecimento obtido na Universidade Aberta à Terceira Idade também corre o risco de vir a ser banalizado. As imagens transmitidas pela mídia seguem uma seqüência para mostrar a qualidade de vida da melhor idade: o sexo, a ginástica, o aprendizado no computador (uma temática que discutiremos no capítulo 4), os bailes e o retorno aos

estudos. Para entender um pouco esse contraponto, à Idade do Lazer, torna-se necessário identificar como surge o conceito de Terceira Idade e como ele é introduzido no Brasil. Em seguida, torna-se necessário confrontar com a proposta de Terceira Idade que se vigora na Universidade Aberta da USP.

1.2 – IDADE DA RAZÃO

Há um consenso entre os autores que trabalham com a questão da velhice, que o termo Terceira Idade tem início no velho mundo, mais precisamente na sociedade francesa. Ao analisar a literatura internacional, Debert (1999) relata o momento em que na França "um novo mercado da previdência foi criado, com os fundos da pensão transformados em agências financeiramente poderosas que, na condição de estarem entre os maiores investidores institucionais, têm o poder de ditar as regras e os ritmos dos mercados financeiros". (DEBERT, 1999:59).

A autora se orienta pela obra "L'invention du 'troisième age': constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. Actes de la Recherche en Sciences Sociales" mostrando que, na França, a concorrência entre esses grupos financeiros leva-os não apenas a assegurar um rendimento mensal aos aposentados, mas também a oferecer uma série de outras vantagens e serviços, tais como férias, clubes e diferentes tipos de alojamento. No emprego de "profissionais em diferentes áreas de formação, na pesquisa das condições de vida e das necessidades dos velhos, essas instituições contribuíram ativamente para a invenção da terceira idade". (DEBERT, 1999:59).

Todo esse processo contribui decisivamente para a criação de uma nova linguagem que tem o propósito de substituir as antigas formas de tratamento dadas aos idosos. É nessa mudança que a Terceira Idade substitui a velhice; o asilo passa a ser chamado de centro residencial. Debert também indica que é nesse contexto que surgem os grupos de convivência e as universidades para a Terceira Idade como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante para os idosos. Isso significa que a origem da Terceira Idade não está estruturada em uma preocupação existencial de melhoria político-cultural

para a vida dos velhos. Mas sim, na clara visualização das agências de previdência em um novo mercado de consumo, que é possibilidade de investimento.

A prática está fundamentada em propiciar lazer e diversão para esses milhares de homens e mulheres que ultrapassaram a faixa dos 60 anos. Como cita Clarice Peixoto, no artigo em que explica os termos classificatórios referentes à velhice, "a invenção da Terceira Idade – nova fase do ciclo de vida entre a aposentadoria e a velhice – é simplesmente produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e do conseqüente surgimento de instituições e agentes especializados no tratamento da velhice, e que prescrevem a esse grupo etário maior vigilância alimentar e exercícios físicos, mas também necessidades culturais, sociais e psicológicas".(BARROS, 2000:76).

Entretanto, Clarice, ao analisar a obra de Áries, elucida que o emprego da Terceira Idade na França - que já se fala em Quarta Idade - é o resultado de uma seqüência histórica de substituições de termos que, ao invés de eliminar o significado pejorativo decorrente do uso de velho, decidem simplesmente rejeitá-lo e atribuir aos que não participam da nova esfera participativa. Ou como mesmo intitula o seu texto, trata-se de uma substituição de termos que ora está determinado pelo "estigma", ora pela "compaixão".

No século XVIII, o termo velhote na França não possuía conotação fortemente pejorativa: ele designava também os velhos abastados, cuja imagem estava associada a "bom cidadão", "bom pai". Foi no século XIX que houve um recorte social da população de mais de 60 anos, acompanhada de locuções diferenciadas para tratar cada grupo de pessoas da mesma idade: designava-se mais correntemente como velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto os que o possuíam eram em geral designados como idosos (*personne âgée*). Essa mudança de linguagem não foi realizada sem embates.

A introdução da noção menos estereotipada “idoso”, explica Clarice, foi bastante criticada por alguns especialistas do tema, como ela pôde constatar na tese de doutorado de Remí Lenoir[8], para quem o termo idoso não é tão preciso quanto velho, mesmo que seja mais respeitoso”. (BARROS, 2000: 73). A mudança que se processa no século XX é decorrente de uma política de integração introduzida na França em 1962. O ponto diferencial é apresentado por Clarice de forma precisa: “os novos aposentados começaram a reproduzir práticas sociais das camadas médias assalariadas, já que a imagem de degradação estava muito associada às camadas populares: o antigo retrato preto-e-branco de uma velhice decadente toma o colorido de uma velhice associada à arte de bem viver”. (BARROS,2000:76). É assim que se torna necessário criar um novo vocábulo para designar esse envelhecimento positivo. Traça-se assim uma nova faixa de idade na qual não se enquadra mais no que se concebia como velho: agora são os “jovens velhos”. Nesse ritmo surge outra classificação, agora para distinguir os “jovens velhos” dos “idosos velhos”. “Em conseqüência surge uma nova expressão na nomenclatura francesa para classificar as pessoas de mais de 75 anos: é a Quarta idade”. (BARROS, 2000: 76).

Em meio a essas tantas determinações seguidas por novas formas de linguagem, o problema central está na forma com que a expressão Terceira Idade é incorporada à sociedade brasileira. O termo, como salienta DEBERT (1999) rapidamente se incorporou ao vocábulo brasileiro e ainda não apresenta conotação pejorativa. Só que essa incorporação como expressa Clarice Peixoto, constitui simplesmente um “decalque do vocábulo francês adotado logo após a implantação das políticas sociais para a velhice na

[8] Lenoir, Rémi. Securité sociale et l’evolution des formes de codifications des structures familiales. Paris: EHESS, 1984. V. 4. (Thèse de Doctorat)

França". (BARROS, 2000: 80). Isso implica diretamente que o significado social da Terceira Idade no país vem carregado com esse contexto que se atribuiu na sociedade francesa.

Por esse prisma não é de se estranhar, primeiro, a denúncia do movimento dos aposentados do qual a Terceira Idade é somente a Idade do Lazer e não da luta para um processo de transformação, de busca de direitos. E por outro lado, se entende porque estamos diante da fragmentação do segmento da Terceira Idade. Essa divisão é justificável quando se entende que o termo foi empregado de forma genérica para os homens e mulheres com idade a partir dos 60 anos. Não se tem como referência, nesse plano geral, as diferenças de vida de cada um, seus anseios, seus medos, seus sonhos, seus desafios, suas histórias de vida. Há como ponto comum determinante, a potencialidade de consumo de um grupo que passa a ter um novo comportamento.

É certo que as empresas em busca de um novo mercado consumidor atribuíram um retrato do que seria o sujeito da Terceira Idade, priorizando uma característica dos idosos embora toda a diversidade de sujeitos estivessem incluídos nessa designação. O resultado mais forte foi ligar ao Lazer. A indústria do divertimento, que procura a todo o momento transformar o que é cultura, o que é arte, em diversão para ser comercializada, estabeleceu também uma forte imagem do que é a Terceira Idade. São pessoas geralmente abastadas que se distanciam cada vez mais dos seus companheiros de idade que vivem em difícil situação financeira. Mais que isso, o termo jovem-velho da sociedade francesa é adotado sem alarde, como se pode entender essa disseminação pela mídia.

Em um primeiro momento é possível constatar que se está diante de uma situação de embate. Ao incorporar socialmente o vocábulo com uma restrita determinação, os vários grupos da Terceira Idade que se espalharam pelo país produziram a imagem da Idade do

Lazer. A idéia de que tudo o que poderia ser feito já foi produzido, segue o discurso e a ação de que agora é a hora do divertimento. Ou, em alguns casos, de que sua contribuição para a sociedade já se esgotou. É por isso que se torna rotineiro o emprego de frases, mesmo de pessoas que batalharam a vida inteira e ainda procuram encontrar meios de melhoria no emprego, como a de Erlinda Casarotti, ao mostrar que já cumpriu seu objetivo de vida: “Eu queria que meus filhos tivessem uma formação boa; fossem pessoas boas, soubessem viver socialmente com os outros, conviver bem com as pessoas e fossem honestos, trabalhadores. Eu dediquei minha vida, eu me dediquei a isso e acho que consegui. Meu objetivo na minha vida eu acho que está mais que cumprido. Agora, o que vier é lucro”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001).

Se atentar para esse discurso disseminado com força pela mídia, é possível notar a diferença na consistência conceitual que tanto o termo como a proposta de ser integrante da Terceira Idade se projeta na USP. Para isso basta lembrar o convite da coordenadora Ecléa Bosi aos novos alunos do projeto: “mais do que um semestre feliz, o idoso merece um tempo pleno de rebeldia”. A idéia contida em “aluno da Terceira Idade, revolte-se” parece pertencer a uma outra estrutura social, a uma outra época, em comparação a essa vivenciada pela Idade do Lazer. E esse confronto só reforça o discurso de Alice, 91 anos, que entrou na luta porque acha que as pessoas vivem inconscientes: “Nós queremos acordá-las”.

Essa é a dimensão de luta que os integrantes da Universidade Aberta da USP se lançam na realidade brasileira. O quadro que se está diante do que é transmitido pela mídia parece dissimular a força dos idosos, mesmo num país em que se sentiu o vigor do movimento dos aposentados em prol dos 147% entre novembro de 1991 e abril de 1992. A importância para a discussão da velhice provocado por esse movimento veio reforçado

com a abertura das portas na universidade aberta da USP - possibilitando a participação em um espaço, como já havia anteriormente aberto em outras cidades do país, para a Terceira Idade.[9] A nova proposta de ação que ganha forças com a USP possibilita avaliar a importância do valor da velhice, enquanto um sujeito que viveu, trabalhou, e com sua sabedoria e experiência terá serenidade para iluminar os jovens e consciência para reverter a sua fraqueza em um meio de força para lutar contra os que degradam o país.

Surpreendidos ainda com o "portão" de esperança que se abriu para poderem participar gratuitamente de uma universidade como a USP, o primeiro passo dos alunos é reavaliar sua história de vida e apontar para uma nova fase que se inaugura. E todos concordam que o idoso ainda é muito discriminado na sociedade brasileira e que a universidade aberta é um espaço forte para dar início a uma valorização do ser velho. Qual é o motivo que o levou à decisão de retornar aos estudos? A resposta à pergunta durante a entrevista não pôde ser dada sem antes vincular a uma outra questão: qual era a aflição que tomava conta de você e o que a possibilidade aberta pela USP contribuirá para minimizar?

O autônomo Râmios Pereira do Nascimento, 61 anos, não se esquece de um fato ocorrido em sua história que o levou a tomar consciência de sua vida. "Na verdade, eu comecei a pensar de uma maneira diferente quando eu era jovem. Uma vez eu tive uma entrevista com um jornalista para fazer um curso de oratória. O jornalista me fez três perguntas e eu não soube responder. Eu chorei quando saí dali. Chorei. Você sabe o que é sair lágrimas dos olhos. Eu chorei. Porque eu não soube responder às perguntas. E comecei a pensar: não pude responder às perguntas porque eu não tenho estudo". (Râmios, Entrevista: 12/2000) Essa foi a aflição que Râmios, emocionado, relata. Uma das três

[9] - A Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) foi a primeira universidade aberta para a Terceira Idade no país.

perguntas feitas pelo jornalista ainda permanece clara em sua memória: qual era o papel do estudante brasileiro?

Migrante da Bahia, então com 18 anos, Râmios veio como muitos em busca de trabalho. Ao buscar outros meios de se desenvolver para expressar suas potencialidades ele sentiu um impacto existencial: “o que me incentivou a estudar foi que eu pensei: sou filho de uma família analfabeta. Todos eles não têm a quarta série. Ou seja, não fizeram, não tinham, não tem o primeiro grau. E eu comecei a ficar pensativo. Eu nasci no interior, no sertão da Bahia. Filho de pai e mãe analfabetos. E eu vim procurar uma cidade, uma metrópole como São Paulo. Eu não posso continuar no mesmo ritmo de lá”. (Râmios, Entrevista: 12/2000).

O impacto do cotidiano fez com que Râmios tomasse consciência de que sua vida precisava mudar porque estava em outra estrutura social. O ritmo de São Paulo era e é mais veloz que Saúde – município de onde ele partiu com o propósito de não mais retornar - e exigia dele algo mais que a vontade de trabalhar para conquistar um espaço. Para isso era preciso mudar a sua própria mentalidade nesse processo de construção de si mesmo como sujeito. Era necessário entrar em sintonia com a outra estrutura social na qual pretendia viver. Para provar a si mesmo sua proposta de vencer em São Paulo, o primeiro desafio era superar esse obstáculo: saber como responder a essas perguntas. A decisão foi ultrapassar o estágio educacional de seus pais: a certeza de que passou a trilhar o outro caminho em sua vida veio anos depois, com o diploma de orador. Ao rever esse instante importante em sua história, o autônomo até se permite rir, mesmo sem ainda saber como responder à questão que pulsa em sua memória: qual o papel do estudante brasileiro? “Hoje, sabe que eu nem sei o que responderia? Mas não sairia chorando”. (Râmios, Entrevista: 12/2000).

A ignorância é apontada por David Barboza de Menezes, 72 anos, como um dos motivos que o manteve afastado dos estudos por longo período. “Porque o homem depois que fica com uma certa idade, acha que o estudo não é mais para ele, é só para o jovem, para a criança. Ele acha que se ele chegar numa escola o pessoal vai fazer crítica dele, e os vizinhos vão fazer crítica e depois o tempo vai passando, vai passando...” (David, Entrevista: 12/2000; 02/2002). O pressentimento de que poderia vir a ser abandonado pelos jovens em sala de aula adiou por anos o sonho que tinha de estudar. Não só os jovens: mas os vizinhos aqui tratados como vigilantes, vinculados como agentes de controle social. David sente na pele o paradoxo de viver em uma sociedade que acentua a repressão enquanto parece avançar como nunca a liberdade individual. Qual era a crítica que os vizinhos poderiam fazer a David? Que seu comportamento era ridículo, ao tentar se igualar aos jovens? Que perdera a noção da idade? Hoje, ele afirma que atravessou um estado de ignorância que o impedia de romper com os estereótipos arraigados em si. “Eu achava que não era bem recebido pelos jovens, porque dentro da juventude deles eu acho que ia ficar abandonado. (...) Mas depois os jovens e as moças viram tudo companheiro nosso. A gente vira jovem também”. (David, Entrevista: 12/2000; 02/2002).

A idéia que se tem da educação no entendimento social é que sempre há o que aprender, nunca se sabe tudo. Esther Passos sempre sonhou poder estudar. Agora que realiza o sonho, entende que há algo mais que precisa compreender: o outro. A “revelação” de que há uma diversidade rica na troca de opiniões que fundamentam o relacionamento humano e que esse quesito é primordial para contribuir no crescimento das pessoas é o que lhe permite afirmar atualmente que “saber ouvir as pessoas é o mais importante e o mais difícil. Porque a gente fala muito e esquece do outro que precisa falar também. Parar e ouvir o que as outras pessoas estão falando. Isso é muito importante”. (Esther, Entrevista:

11/2001). Todas essas mudanças podem ser traduzidas na constatação da tradutora Ellen Schaffa sobre o retorno aos estudos. “A gente vê o jornal de uma outra maneira, a gente encara a vida de uma outra maneira”. (Ellen, Entrevistas: 12/2000; 02/2002).

A realidade transmitida pelos meios de comunicação já é interpretada com outras formas de entendimento. A própria vida já não é a mesma, porque os fatos ocorridos não são mais analisados com a mesma estrutura de consciência. O cotidiano se apresenta como desvelado em uma realidade que se transfigura de paisagem. É isso que representa o retorno aos estudos: olhar para a mesma realidade vivida, só que com outras potencialidades.

1.3 – SÁBIAS MENTES

Toda essa mudança resulta numa valorização sem precedentes desses estudantes ao papel da universidade aberta em suas vidas e consequentemente seus efeitos políticos à sociedade brasileira. Parte-se do seguinte pressuposto: se a convivência nesse espaço educativo teve força suficiente para me tornar um novo homem, uma nova mulher, então é possível que todos os que integram a Terceira Idade também sejam envolvidos com essa mudança. E é exatamente nesse momento de vibração, em que se é possuído por um vigor diante de uma descoberta que se apresenta como crucial para mudar a realidade coletiva, que os estudantes da Idade da Razão se confrontam com os outros integrantes da Idade do Lazer. Para entender o impacto desse atrito, é necessário analisar os depoimentos em que os estudantes confiam o peso da universidade aberta.

Ao ser questionada sobre a discriminação dos velhos no Brasil e a importância do Projeto da USP, Erlinda faz uma avaliação da realidade contraditória que se observa no país. Ela aponta a existência de uma distância entre os avanços propiciados pelo movimento da Terceira Idade na história do país e a estrutura política, que não acompanha no mesmo ritmo. “Acho que o Brasil não está preparado para valorizar o idoso. Falta uma estrutura melhor. No Brasil falta tanta coisa, né? Imagina pro idoso então. Tadinho do idoso. Falta uma estrutura de apoio. Então, começando por aí nas universidades já é uma grande coisa. É um primeiro passo e muito bom, porque é de qualidade. Vem de uma fonte boa. A universidade sempre procura trazer coisa de bom nível”. Entretanto, ao comentar sobre o futuro do idoso, Erlinda se restringe a uma questão particular. “Porque se ele não se motivar com alguma coisa, ele vai ficar relegado a um segundo plano porque a coisa caminha muito depressa”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001).

A “coisa” caminha muito depressa e para não ficar no caminho é preciso acompanhar. A melhor metáfora para isso foi expressa por David Menezes: “Hoje eu me considero igual a uma rama. Você trata um objeto de ramas ou que seja alguma coisa de ramas no alto. Você vai subindo, devagarzinho, vai subindo, subindo, subindo. E sendo que as outras já estão lá em cima. Mas você vai subindo, subindo, subindo, subindo, e dali a pouco você está na altura dos outros. Chegou a sua vez, não é verdade?” (David, Entrevista: 12/2000; 02/2002).

Mas para conseguir acompanhar ou subir devagarzinho até alcançar outras ramas é preciso algo mais, como retrata Esther Wacchi Passos. Ela acredita que o Projeto Universidade Aberta tem condições de minimizar a discriminação aos idosos. “Mas como eu te falei: depende da pessoa. O idoso tem que ir atrás dos seus direitos, sabe? Entrar no meio, entrar e enfrentar, sem medo. Sem receio. Tem idoso que fica lá no canto quietinho, com medo de não conseguir nada. Isso não pode acontecer. Tem que ter força” (Esther, Entrevista: 11/2001). É preciso que o idoso seja forte para mudar a sua realidade. Quais são suas armas? A arma para que se possa mudar é o estudo que se transfigura em uma nova forma de conhecimento. É o saber que propicia descobrir novas potencialidades e se torna um instrumento para dar vazão à voz dos velhos. Diante desse diagnóstico, Esther se reveste de que o principal papel do estudante da Terceira Idade é trazer seus companheiros para a universidade para se juntarem à luta contra essa sociedade preconceituosa e movida pelo pragmatismo. “Mas eu estou dizendo para você, essas pessoas que não têm acesso ao estudo, eles não têm força, não têm como falar. Eles querem falar, esse é o problema. É a hora em que se retraem. Então (o nosso papel é) dar uma força para eles” (Esther, Entrevista: 11/2001).

Todo esse avanço está vinculado a um determinado tipo de envelhecimento, do qual Râmios Nascimento não está incluído. Ele não se cansa de comentar sobre os benefícios da universidade aberta da USP, da importância que o estudo tem em sua vida, porém há algo que o sujeita a não vivenciar esse espaço na sua amplitude. Essa é a dificuldade de quem ainda precisa trabalhar para sustentar a família e o trabalho colide diretamente com os anseios do estudo. É esse o outro lado que Râmios quer mostrar ao falar sobre si e tomando as angústias de outros, de suas situações econômicas, que certamente devem passar pelos mesmos problemas. “Existe essa parte favorável do idoso, não só na USP. Mas ele não está tendo a oportunidade porque quando ele tem que continuar trabalhando para ajudar as outras pessoas do lar da casa dele, a aposentadoria não dá, daí vem aquele problema do tempo” (Râmios, Entrevista: 12/2000).

O tempo de estudo se torna concorrente e muitas vezes incompatível com o exercício do trabalho. Acresce-se a isso que Râmios já não tem mais a mesma disposição, a energia da juventude, como ele mesmo define ao responder o que é ser estudante da Terceira Idade. Há a descoberta de que o homem quer construir sua história, mas existe uma outra realidade que o desloca para outros campos. Estamos diante de testemunhas, vítimas das implicações econômicas e sociais, de que a mudança não pode ser deslocada de um extremo ao outro: nem o sistema controla totalmente o indivíduo, nem o indivíduo tem o poder de mudar totalmente a sua vida. “Ele tem que trabalhar, chega cansado, não tem a mesma disposição para vir a uma aula na USP ou em qualquer outro local. Então, para o idoso, fica difícil. E talvez não tenha tanta freqüência, eu acho que é uma das causas; ele não ter um padrão de vida mais adequado. Talvez seja isso”(Râmios, Entrevista: 12/2000).

Não é à toa que a proposta explícita da coordenadora Ecléa Bosi ao se referir ao projeto universidade aberta é o de abrir um espaço para os velhos trabalhadores. Quantos

iguais a Râmios ainda precisam prorrogar os seus sonhos diante de uma realidade que exige cada vez mais esforço, sem um prazo para se chegar ao fim da angústia? Há velhos trabalhadores que ainda continuam na labuta. Râmios, que teve de mudar a mentalidade quando deixou Saúde para chegar em São Paulo, agora novamente está diante de um problema existencial. Assim como ocorreu quando tinha 18 anos, ele chega à conclusão de que não pode mais continuar no mesmo ritmo. É por isso que batalha para participar da universidade. Mas ele ainda não sente aquela melhora de vida, como tanto se concebe. Sua vida está ligada ao trabalho e se o único meio de mudá-la é o estudo - que não consegue se entregar porque isso significaria queda na produção - então sua vida está em uma contradição que precisa ser novamente superada.

Essa é a denúncia que se faz contra todo esse sistema político implantado por uma sociedade que só se orienta pela questão do lucro desenfreado, anulando, tornando invisível ou simplesmente marginalizando aqueles que não conseguem ultrapassar suas barreiras ou subir à altura das ramas. Como bem identifica Ecléa Bosi: “existe uma relação entre a alienação do trabalho, a sociedade de consumo e a qualidade da vida urbana. Diante disso, para que o idoso tenha um lugar na sociedade, é preciso uma desaceleração. Ou seja, precisamos lidar com o tempo de uma forma mais humana” (FLEXA, 1999: 7).Lidar com o tempo mais humano significa não impor ao outro, ao idoso, um ritmo desenfreado como norma de vida, como se o próprio viver já não mais dissociasse de uma linha de produção taylorista. Se houvesse uma desaceleração desse tempo social, não se exigiria do velho uma adaptação e ter-se-ia mais tempo para aproveitar a sua sabedoria e construir um futuro diferente.

É em busca de um novo saber com o retorno aos estudos que os integrantes da Terceira Idade se dividem entre os que buscam reafirmar seus conceitos no cotidiano, em

relação aos outros que decidiram aproveitar a vida com divertimento. A tensão entre os dois grupos pode resultar tanto numa acusação aberta quanto em uma denúncia velada. De qualquer forma, os integrantes que só buscam se reencontrar na Idade do Lazer são entendidos como os que fugiram da luta.

Nesse espaço relacional pode-se analisar a angústia de alguns estudantes que descobrem no processo de comunicação esse distanciamento do outro grupo. Ellen Schaffa só teve a percepção dessa questão no decorrer da entrevista e não escondeu a surpresa das diferenças de comportamento entre os integrantes da Terceira Idade, um item que se deve pensar no futuro. “Às vezes tem uma ocasião de falar com amigos ou com colegas onde a gente expõe pontos de vista. Seria muito gostoso se tivesse alguém para trocar opiniões. Mas não me faz falta, nunca pensei nisso. É que o grupo com que eu convivo não são pessoas muito interessadas em Política ou em Filosofia, ou questões sociais. Então a gente entra na conversa deles. Eles são mais cri-cri, o que quer dizer, conversa sobre criada e criança. Geralmente é cozinha, viagens. Eu fico quietinha pensando a minha parte”. (Ellen, Entrevista: 12/2000; 02/2002). E ela complementa: “Eu não diria que é um problema e nunca me ocorreu que isso o seja. Isso é muito interessante. É uma coisa de pensar para o futuro. É difícil unir grupos porque cada um tem o seu afazeres, cada um tem os seus programas, então eu acho que estou bem”. (Ellen, Entrevista: 12/2000; 02/2002).

Longe da surpresa de Ellen Schaffa, a arquiteta Elizabeth Vidor já tinha conceituado essa diferença entre o que venho nominando como o grupo da Idade da Razão com o grupo da Idade do Lazer. Na sua convivência na Esalq – em Piracicaba, Elizabeth explica que o principal diferencial é referente à mentalidade. “eu acho que em partes o limite é imposto pelo próprio idoso. Eu também não gosto dessa palavra. Pessoa mais velha. E muitas vezes não se aceita a posição do mais novo ou então se discrimina, ele discrimina o mais jovem.

Então fica muito enfronhado naqueles programas de televisão, nas novelinhas das seis, das sete, das oito e não sei mais o quê. Então ficam muito afastados da realidade. A realidade vai andando, é dinâmica, ela não pára". (Elizabeth, Entrevista: 06/2001).

O diagnóstico de Elizabeth segue a experiência que ela teve durante as viagens. Ela explica que é uma outra Terceira Idade da qual não tem muita comunicação. "Eu tenho muito mais diálogos com os jovens aqui do que com eles. Primeiro porque eu sou separada. Segundo porque eles gostam, a maioria que eu tenho convivido aí no SESC, gostam é de falar sobre as novelinhas, é um dia-a-dia muito restrito, entendeu?" (Elizabeth, Entrevista: 06/2001). Todo o problema central pode ser colocado em uma parte do depoimento de Elizabeth que, sem deixar de ter esperança de que as futuras gerações da Terceira Idade serão diferentes da sua, essa geração não evoluiu mentalmente, ficando restrita a assuntos como receita de bolos, novelas e outros temas que não contribuem para uma discussão da realidade dinâmica.

> "*Os médicos mesmo (dizem): "tem que caminhar. Então tem toda uma mentalidade voltada para a melhoria da saúde do idoso. Acho isso fantástico. Mas a cabeça, meu filho, a maioria ainda não evoluiu. Mesmo aqui. Depois que eu comecei a estudar. Primeiro foi a Dalva (Mattoso Argoud), depois fui eu, a Aracy (Duarte Derrari). Então de vez em quando a gente, agora não faço mais coral, não tenho mais tempo pra fazer, mas, às vezes no coral a gente discutia: "nossa, você fez aquele trabalho assim, assim. Sempre tinha umas duas ou três que ficavam interessadas e vieram falar comigo:"Ah! Você fez. Como é que foi?". É assim, assim. Ahhhhhh! Mas aí elas perdiam a coragem de ir. Ah! Porque tem compromisso. Ah! Porque gosto de viajar. Eu não conheço mais nenhuma que tem entrado para fazer os cursos. Então, apesar de ter tido uma grande melhoria, ainda tem...é difícil você mudar a postura de uma pessoa que viveu sempre de uma forma assim: da igreja pra casa, das amigas. Tirar dessa...mudar a mentalidade assim é complicado"* (Elizabeth, Entrevista: 06/2001).

A mudança de mentalidade significa ter consciência de que se está diante de uma outra estrutura social da qual é necessário acompanhar ou ir subindo devagarzinho para poder participar. Mas essa outra Terceira Idade, ligada ao Lazer, não tem tempo para aderir à luta política. Enquanto segue o debate entre os grupos, o ponto positivo é que toda essa cultura da Terceira Idade contribui para um trabalho paralelo que procura valorizar a velhice, no sentido positivo do termo. Não se trata de mostrar o saber estritamente científico, mas o saber cotidiano. A sabedoria do velho não pode ser desperdiçada. Essa é a essência de trabalhos envolvendo comunidades de bairro e seus moradores mais velhos, como uma forma de reconstruir a realidade.

Por vários setores sociais surgem trabalhos alternativos, mostrando homens e mulheres velhos marginalizados pela sociedade pragmática. É uma voz que parece ecoar procurando furar essa onda de consumismo que impera na modernidade. Um desses trabalhos, que possui um significado especial, embora tenha permanecido em um âmbito regional, foi "**Sábias Mentes – Retrato de uma Geração",** da fotógrafa Irit Chernizon Tommasini. A exposição dos 50 residentes de uma Instituição Filantrópica, mais conhecida por Vila Vicentina, em Itu, foi uma forma da fotógrafa homenagear todos os idosos do país, "assim como a todos aqueles que trabalham para assegurar uma velhice digna àqueles que deveriam ser considerados nossos mestres". Não há como negar que o espírito da exposição está em sintonia com a cultura da Terceira Idade que se identifica na sociedade contemporânea. A proposta que ganha força nas 20 fotos que foram expostas no Museu Republicano de Itu, nos meses de setembro e outubro de 2002, é mostrar que por detrás dos muros dos asilos existem homens e mulheres que possuem sabedoria e podem auxiliar a sociedade na construção do futuro.

É uma situação que pegou de surpresa os próprios residentes. Na noite do dia 5 de setembro, eles foram os convidados especiais para a abertura da exposição de seus retratos. As lágrimas que correram no rosto daqueles homens e mulheres não eram da tristeza de terem sido abandonados por décadas pela família. Eram pela emoção de se rever, de reconstruir a sua vida por meio de lembranças que desvelam uma nova expressão de ser humano. Ao som de músicas como “Eu sonhei que tu estavas tão linda”, de Lamartine Babo, e “Lua Branca”, peça extraída da opereta “O forrobodó”, de Chiquinha Gonzaga, os idosos mostram uma face até então desconhecida pela maioria da sociedade. Não era mais um ajuntamento de idosos em um espaço. Agora poderiam ser vistos como seres humanos, como homens que trabalharam durante a vida e que por diversas razões foram levados a buscar refúgio no asilo.

“A vida contribui com o processo usando seus próprios meios, tratando de demonstrar a intensidade das vivências por cada um de nós passada, estampando marcas em nossas faces, em nossas mãos, em nossos corpos. Assim como essa vida nos deteriora, ela nos ensina. Ensinamentos intrínsecos que passamos a carregar como parte de nossa própria existência, muitas vezes sem tomar consciência destes, mas que se manifestam diariamente de maneira imperceptível, porém pungente”, analisa Irit em texto explicativo sobre a exposição. A idéia de trabalhar o olhar foi uma forma de conseguir se aproximar e sentir desse universo único pessoal. “Ele nos revela uma sabedoria sutil que independe do conhecimento acadêmico e que só a própria vivência revela”. O discurso faz coro a tantos trabalhos que se espalham pelo país com a proposta de resgatar o valor do velho no cotidiano.

Os sujeitos retratados bem que poderiam ser também chamados como da Terceira Idade. Aos 62 anos, Lupércio Madalena está a 14 anos no asilo. Começou a trabalhar com

14 anos e por quase duas décadas foi operador de máquina de Fiação, na Fábrica Maria Cândida. Sua vida mudou quando perdeu a visão, provocada por uma doença que os médicos não conseguiram descobrir. Dedicou sua vida à mãe. Quando ela morreu, ele veio morar na Vila Vicentina. A maioria dos retratados é de origem humilde, como Lupércio. Pelo menos durante a exposição deixaram de ser anônimos. O reconhecimento daquele instante especial é que a partir de então passariam a ser visto através do nome, que remete a uma história de vida. É o João Dias dos Santos, 59 anos, com um olhar apaixonado com o recente amor a Maria Aparecida da Silveira Arruda, 62 anos, sendo 19 no asilo. A mesma alegria era exposta pelo casal Luzia Braga de Almeida, 56, e Benedito Fonseca Camargo, 70, que se conheceram no asilo e passam agora toda à tarde namorando na varanda.

Os moradores são aceitos na instituição quando comprovam carência econômica e afetiva, distúrbios de ordem mental ou são submetidos a maus-tratos.

Mais do que revelar a essência da importância do ser velho na sociedade brasileira, a exposição **"Sábias Mentes – o Retrato de uma Geração**" também serve como instrumento de denúncia. Os velhos fotografados no asilo da Vila Vicentina, em Itu, não são automaticamente chamados de Terceira Idade. Poderia contextualizar que se trata simplesmente do emprego de um vocábulo que no Brasil não tem tanto significado. Incorrer nesse caminho é enganoso. Os homens e mulheres do asilo não são vistos como os mesmos homens e mulheres da Idade do Lazer e os da Idade da Razão. São "coitados", "pobrezinhos", entre outros termos que indicam um grau de fragilidade. Em uma estrutura econômica que produz um ritmo tão veloz nas mudanças sociais, suas existências são avaliadas pelos integrantes como pessoas fora da realidade, que precisam de uma força e que para sair desse estado dependem somente de sua força de vontade. E o paradoxo é que

sábias mentes só têm significado pela importância e valor das experiências de vida desses idosos e não pelo conhecimento acadêmico no qual poderiam ser resgatados.

A explicação dessa diferença de tratamento pode ser entendida pela forma com que a exigência de uma juventude transfigurada na Terceira Idade se distanciou da velhice. Não foi só um elenco de termos: velhice, idoso, Terceira Idade. Há algo mais substancial contido nesse encadeamento. O problema é que a sociedade de massa, de olho no consumo, não teve qualquer preocupação de encontrar o sentido positivo dos termos. Substitui-se velhice por idoso pela capacidade de luta ou para diferenciar abastados de pobres. E trocou-se idoso por Terceira Idade para identificar aqueles que mantém um ideal de juventude. O resultado foi o reforço de uma marginalização de quem não consegue se integrar nesse sistema configurado por uma Teoria da Atividade. Enquanto alguns velhos e anciãos, como gostam de ser chamados, na universidade lutam para uma valorização da sabedoria cotidiana, boa parte dos integrantes se incorporam na Terceira Idade e reproduzem o discurso do individualismo como meio de mudança.

Como problematiza Debert (1999) “numa sociedade altamente hierarquizada como a brasileira, corre-se o risco de transformar o direito de escolha num dever, numa obrigação de todo o cidadão”. (DEBERT,1999:229). Aponta-se que há uma liberdade de escolha, mas como discutimos anteriormente, nem todos têm os recursos para mudar a sua realidade. “Dar voz aos oprimidos pode, então, ser uma nova receita para tornar os mais velhos culpados pelos seus infortúnios, receita para uma vida sem dignidade e repleta de autodepreciação”. (DEBERT, 1999:230). É esse processo que a antropóloga nomina como reprivatização da velhice, resultado de uma intensa interlocução dos gerontólogos e a mídia. DEBERT identifica nesse novo discurso que se está diante de um novo tipo de conspiração do silêncio. Mas o silêncio que se estrutura nesse incentivo a um determinado

tipo de envelhecimento positivo será perturbado constantemente, para lembrar que há outras formas de sabedoria e há homens e mulheres sofrendo por causas maiores que o abandono. A força que eles precisam não é levá-los à universidade: mas que a sociedade os tratem simplesmente como homens e mulheres.

.

CAPÍTULO II

MARGINALIZAÇÃO E PROPOSIÇÃO

A visualização tomada pelo movimento da Terceira Idade impregna uma sensação de que algo substancial se altera na sociedade hodierna. Os idosos já não seriam mais tratados com o descaso anterior, de abandono. Eles conquistaram o tão almejado espaço valorativo e a realidade parece indicar uma transformação epistemológica na lenta substituição do pragmatismo, por uma sociedade de sabedoria. Seria o retorno à sociedade da memória em detrimento da atual sociedade do esquecimento, como salienta a professora Olga Rodrigues de Moraes Von Simson. De seres invisíveis à sociedade, esses homens e mulheres da Terceira Idade hoje são a todo o momento estampados na mídia e aplaudidos em salas de aula, nas praças públicas, em eventos sociais que envolvem desde bailes dos anos dourados até apresentação de coros. Poderia apressar-se em argumentar que a discriminação aos mais velhos está no banco dos réus e o futuro somente trará mudanças mais promissoras aos que forem se integrando à Terceira Idade.

É essa a impressão de Esther Wacchi Passos, estudante da Terceira Idade de Piracicaba, ao analisar as mudanças no mundo e no cotidiano da sua própria vida. Ao comentar sobre o fato de os idosos viverem mais, atualmente, ela descreve: “Eu acredito que hoje está crescendo mais, está mais fácil agora de viver. As pessoas que vão atingir agora a Terceira Idade no caso vão, eu acredito, encontrar um mundo melhor. Daqui a 20 ou 30 anos vai ser um mundo melhor”. (Esther, Entrevista: 11/2001). A certeza de Esther, quase em tom de fé, está determinada pela mudança em sua vida e pelos novos meios tecnológicos, como a Internet. O retorno aos estudos abriu-lhe uma possibilidade na vida

que sempre sonhou quando trabalhava na roça durante a infância. Portanto, trata-se de uma perspectiva que se abre, do indivíduo para o coletivo.

Mas a idéia de uma reviravolta no valor do idoso, nesse exemplo que parece ser o que HELLER (2000) chama de invencibilidade da essência humana, perde o seu significado quando se emprega outro termo para nomear esses mesmos homens e mulheres: velhos. O que a princípio poderia ser tomado como sinônimo passa a soar como uma ofensa, a destoar sintomaticamente do sujeito, até atingir o peso de uma anátema. É preciso esclarecer que não se está em discussão se todo o avanço da Terceira Idade vem balisada menos no aumento populacional e mais na visibilidade aberta pelo comércio de impulsionar suas vendas diante de um grande mercado consumidor. Os integrantes da Terceira Idade, cada um dentro de seu plano sócio-cultural-econômico, estabelecem uma diferenciação para explicar por que não é velho. Em síntese, a justificativa está relacionada a um dos principais itens de mudança que se estabeleceu no cotidiano da sociedade moderna: uma nova dinâmica do tempo histórico.

Apreendi a dimensão dessa diferença – entre ser velho e ser integrante da Terceira Idade - no decorrer das entrevistas desta pesquisa. A proposta era aprofundar a análise sobre o que representava para os sujeitos estarem na universidade. A pergunta essencial foi: o que é ser estudante da Terceira Idade? O que intrigou foi que as respostas a essa questão destoavam completamente quando se passava a discutir sobre a existência de discriminação ao idoso na sociedade – ambas questões discutidas no capítulo anterior. Toda vez que o discurso estava atrelado ao negativo se usava o termo velho. Até que uma entrevistada de Piracicaba, a professora primária Erlinda Tereza Travaglini Casarotti, conceituou de seu modo essa diferença, sem deixar qualquer dúvida do que pulsava entre essas duas questões. “Enquanto a gente tiver alguma coisa que te leve para frente e fale: não vou me entregar,

vou continuar. Acho que é a diferença entre ser velho e ser integrante da Terceira Idade que faz a gente se sentir assim". (Erlinda, Entrevista: 11/2001).

O pressuposto do qual parti desde o início desta pesquisa é que a Terceira Idade representa uma reformulação do conceito de velhice na sociedade da Informação e Comunicação. Em nenhum momento havia tomado ambos como conceitos antagônicos. Pelo contrário. A crítica da qual parti na discussão do projeto era essencialmente idêntica ao que Groisman (1999) utilizou em seu artigo sobre os asilos: o de que a velhice convertida em "terceira idade" é empregada como um termo politicamente correto para não chamar velhos de "velhos". Esse teor crítico ainda permanece, mas os depoimentos coletados nas entrevistas me obrigaram, como pesquisador, a entender a profundidade dessa distinção – que parece ser consciente e primordial para os integrantes da Terceira Idade e que tem pouca relevância no cotidiano estereotipado da sociedade de massa.

Na contracapa do livro **A Reinvenção da Velhice**, da antropóloga Guita Debert, a especialista em Gerontologia, Anita Liberalesso Néri, é enfática: todo esse movimento da Terceira Idade que estamos assistindo nada mais é que a velha teoria da atividade posta em prática.

> *"É sob sua proteção que se inaugura uma nova etapa de reprivatização da velhice e, ao mesmo tempo, novas formas de negá-la e de empurrá-la para o futuro. Meia idade, maturidade, terceira idade, jovem-velho, velho-velho e vários outros termos do léxico da velhice correspondem à invenção social de etapas intermediárias entre a vida adulta e a velhice e de novas etapas na velhice mais tardia. A juventude quase deixa de ser uma fase no ciclo vital para ser um ideal a ser alcançado por todos os "maduros" que não desejam ser idosos".*

É sobre esse predomínio da juventude como ideal em toda as esferas sociais que DEBERT (1999) discute em seu livro e termina com a denúncia sobre a forma com que a geriatria trata a questão da velhice. Debert aponta o perigoso processo de desnaturalizar a

velhice que se estabelece como verdade social. “No caso da geriatria, essa interlocução, ao desnaturalizar a velhice, dissolve seus dramas, cria a possibilidade de seu desaparecimento do nosso leque de preocupações sociais e, assim, transforma os gerontólogos em participantes ativos de um novo tipo de “conspiração do silêncio”. (DEBERT: 1999: 231).

Se há essa tensão sobre um novo tipo de conspiração do silêncio é sintomático acrescentar que há algo mais nesse ocultar os dramas da velhice. Na medida em que toda essa euforia de juventude contagia esses homens e mulheres “maduros” no cotidiano - um sentimento que se espalha pelas cidades e alimenta as novas possibilidades práticas de transformar a sua realidade individual - os integrantes da Terceira Idade reelaboram essa distinção conceitual com o objetivo de esclarecer a importância de si na realidade cotidiana. E suas dissertações têm um fundamento preciso: se desvincular cada vez mais da velhice.

Mas não se pode acusar que essa desvinculação é feita sem atritos. Para David Barboza de Menezes revelar que o contato com os jovens o deixa mais jovem também foi preciso enfrentar a imagem de ser velho diante da juventude. É o mesmo teor de um debate que acompanhei no intervalo da aula de Psicologia das Relações Humanas II. Para Maria Vera Ribeiro Thurler é uma oportunidade de buscar energia com os adolescentes. Ela confirma que se vivesse nessa época, iria adorar. Entretanto, pesa-lhe ainda a sensação de que sua presença na sala inibe os mais jovens. O que foi prontamente contrariado por Therezinha. Ela aponta que esse é o melhor modelo para os idosos na universidade e disse que não gostaria de permanecer em uma sala somente com idosos. “Essa relação implica em uma troca de energia”.[10]

[10] – Anotações em sala de aula durante o segundo semestre de 2000.

É nessa negação do ser velho na sociedade, ou mais precisamente, do estar velho na modernidade, que a velhice recebe um segundo golpe histórico de marginalização. Depois de ser sobrepujada por uma sociedade industrial, tecnológica, que não encara o avançar dos anos como acúmulo de experiência e nem como sinônimo de sabedoria, os velhos agora são discriminados por estar estáticos a essas transformações que contribuiu diretamente para a formulação de aspectos negativos, enquanto lutavam para serem tratados como ser humano. Há outro fator que ressoa como agravante: nesse avanço em que se assiste a Terceira Idade, até mesmo o cotidiano construído pela vivência na sociedade ou a experiência mediada pela comunicação são postos em xeque. Na sociedade em que vigorava a produção, em que a energia traduzida em força física é a moeda corrente, os homens são explorados até o momento em que suas forças são exauridas, quando já não podem mais acompanhar com destreza a cadência da produção. Nessa realidade, em que para sobreviver na fábrica é preciso ser forte, o velho, tornado homem fraco, é marginalizado.

Na sociedade em que reina a informação e se toma como mola mestra o exercício da comunicação, a voz do velho é silenciada. Para que ele fale de suas angústias, reclame seus direitos, é preciso que ele agora se expresse de uma forma crítica, que fuja do que se atribui como discurso banalizado, futilidade. A repetição constante de um discurso de ser marginalizado passa a ser aceito somente em situações excepcionais. O lema que orienta a sociedade é que a mudança é individual. Há contida nessa afirmação de que se trata de um esforço de cada indivíduo, uma exigência de que a denúncia do marginalizado tenha um contexto com teor científico.

É claro que em um país com cultura tão diversa como a do Brasil, não se pode falar da existência de uma só imagem e de um tipo específico de ser velho e de vivenciar a velhice. Mas os atributos que se lançam nesse discurso pragmático, para entender que

estamos diante de um velho e não de um integrante da Terceira Idade, são decorrentes da situação econômica. Os velhos não têm dinheiro suficiente para pagar o preço caro das viagens da Terceira Idade para as cidades mais distantes; soma-se a isso sua ausência de conhecimento crítico – traduzido pela falta de estudo ou puro desinteresse – e a fraqueza do corpo, que não consegue ter disposição mais de praticar religiosamente as caminhadas matutinas. Chega-se a vincular a força do espírito como elemento de definição entre Terceira Idade e velho. Estar na velhice é quando não se consegue mais transpor o quadro de amargura sentida durante toda a vida. É por isso que a referência é sempre negativa: são pessoas isoladas, mergulhadas num processo irreversível de falta de perspectiva de vida ou que ainda lutam pela sobrevivência. Em geral, os homens e mulheres entrevistados não tomam como ponto de diferenciação a questão da idade. Nem sequer tocam nesse item. Percebe-se que não há uma inter-relação: 50 anos, 65, 70, 85. O que os diferenciam é o ideal da juventude.

A proposta deste capítulo é analisar a marginalização da velhice contextualizando os depoimentos coletados dos estudantes da Terceira Idade. A pergunta que se pretende responder é: essa nova postura dos idosos provocada pelos estudantes da Terceira Idade contribuirá para valorizar os velhos na sociedade brasileira, que mantém uma política de negação da velhice e de grupos na modernidade? Com base nessa discussão é preciso avaliar: será que a imagem dos idosos ficará reduzida apenas a realizações particulares, condicionadas à falácia de um discurso do qual anuncia-se que a sociedade abre oportunidades para todos os que se esforçam, sem distinção de idade?

Parte-se de duas situações distintas: uma do ponto de vista dos estudantes entrevistados e outra deste sinônimo de termos entendidos pelo social. Para a sociedade em si, a imagem de homens e mulheres que se dissemina pela mídia trata-se meramente da

projeção da imagem de velhos. É nesse embate de uma posição positiva do envelhecimento pelos integrantes do grupo da Terceira Idade ao aspecto negativo e estereotipado do velho pelo social, acredito, que podemos entender uma das possibilidades de análise sobre a velhice na sociedade moderna.

Não se trata de questão simples entender essa distinção feita pelos próprios estudantes entre ser da Terceira Idade e ser velho. A professora Erlinda Casarotti saltou de um campo para outro para explicar que o velho hoje é marginalizado, mas não tanto como no passado. “Agora parece que está voltando um pouco, um conceito melhor sobre os velhos”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001). Mas esse teor é logo deixado de lado quando Erlinda começa a elaborar uma análise comparativa entre os dois conceitos. Tem-se ao final que essa mudança do conceito sobre os velhos está amparada em impressões obtidas na realidade social, com teor diferente daquela quebra da conspiração do silêncio de que tratava Simone de Beauvoir (1990).

Ao descrever suas observações sobre a viagem que fez aos Estados Unidos, onde permaneceu por dois meses na casa da filha, Erlinda relata que “sentiu que lá os velhos são bem mais valorizados que aqui”. O fator que a leva a creditar isso é a possibilidade de emprego. “Eles trabalham, as pessoas mais velhas que meu marido trabalham em lojas como gerente, em caixas, tudo. As pessoas idosas, velhinhas, trabalham nas lojas. Eu acho que isso dá vida para as pessoas. As pessoas têm essa motivação”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001).

O trabalho é tido como fundamental para se valorizar como ser humano em uma sociedade em que o sonho existencial é manter-se produtivo até o final da vida. Para isso, assim como confessa Erlinda, é preciso imprimir uma luta desigual com a juventude: primeiro, estar sempre próximos deles para não perder esse estado de espírito que

impulsione a buscar algo mais; segundo, buscar conhecimentos para acompanhar toda as inovações tecnológicas. É sobre esse aspecto de vida que Erlinda não se sente velha. Ela foi um dos integrantes do curso de informática no ano 2001 realizado na Esalq, em Piracicaba. O motivo: ajudar o seu marido no emprego. É essa vontade de poder avançar, tendo como referência os seus filhos - hoje todos com níveis universitários e sintonizados com os avanços da modernidade - que a influenciou na elaboração conceitual desta professora primária, que largou a profissão na juventude para se dedicar ao casamento. “Eu acho que se sentir velho é quando acaba a ilusão, assim a gente começa a achar que não tem mais nada pra pensar para frente, sabe? Não ver mais horizonte algum”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001).

Como poderíamos avaliar essa distinção? Quando se acaba a ilusão poderia ser substituído sem prejuízo de significado por quando não se tem mais sonho. As pessoas se encontram diante de um estado do qual se sentem impotentes em modificar suas próprias vidas. Não estão dispostos aqui os poderes de um sistema político-econômico que se impõe ao social, e que muitas vezes dilaceram sonhos brotados na juventude e que atuam com a força de desmoronar os planos almejados no presente pelos idosos. É um outro sentimento que provoca essa ausência de perspectivas. É esse o dilema de Ellen Schaffa ao ser perguntado qual era o seu sonho.

> *“Olhe, eu não tenho muito sonhos, seria até ridículo, hoje sonhar com grandes realizações. Eu acho que a vida que eu levo é bastante satisfatória, sem querer acrescentar muita outra coisa. Não porque a gente...Bom, a maioria pensa que com essa idade a gente chegou ao fim da vida. Eu não acho. Para mim é o dia-a-dia, eu não penso que o futuro pode ser pior, eu acho que o presente está muito bom, o passado foi sempre bom também. Então eu não tenho problema nem com o passado, nem com o presente e nem com o futuro. A gente sempre sonha (quando é mais jovem), mas não foi um sonho não realizado que me tenha frustrado por não ter conseguido. Absolutamente não”* (Ellen, Entrevista: 12/2000;02/2002).

A falta de horizontes está vinculada a essa necessidade de ser produtivo por toda a vida. Essa necessidade passa a ser até um aspecto do sonho, como revela a arquiteta Elizabeth Vidor. “Meu sonho? Meu sonho é ter saúde até o fim da vida, poder ser produtiva até o fim da vida, aprender sempre cada vez mais, poder usufruir minha família, meus filhos, meus netinhos, viajar também, conhecer” (Elizabeth, Entrevista: 06/2001).

Em uma sociedade em que 40 anos já se é considerado velho para determinado emprego, a construção de um horizonte em que se afirme como sujeito participante do social parece estar cada vez mais desvinculado de uma decisão pessoal. É uma exigência do mercado. Mesmo assim, a obrigação de acompanhar a evolução tecnológica a que o sujeito está relegado, se torna como dever de vida. Erlinda confidencia que ser estudante da Terceira Idade é se esforçar para continuar acompanhando as coisas atuais. E acrescenta: “conviver com as pessoas, para não perder aquele ciclo de vida, aquela vida renovada, sempre bela”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001). Velho, para ela, é quem perdeu essa força que leva para frente; alguém que já se entregou.

Mas a sociedade não possui conceitualmente essa distinção e muitas vezes essas diferenças são apagadas no dia-a-dia, justamente quando não se está preparado para essa defesa. É o que acontece com Erlinda quando trafega de carro pelas ruas de Piracicaba. Ela, que não se sente velha, descreve que ao demorar um pouco na esquina, para se certificar do trânsito, logo ouve o grito carregado de preconceitos de alguns motoristas. “às vezes você demora um pouquinho na esquina para você olhar que mão que vem vindo, e já começam: “Ô velha, não vai para frente?” (Erlinda, Entrevista: 11/2001).

A velocidade que foi imposta como norma na produção na indústria, na mídia sob influência da linguagem publicitária, é incorporado em outros setores sociais e esse

deslocamento pode ser diagnosticado nos movimentos rotineiros. “Aqui nessa esquina que é duas mãos, você pára um pouquinho: “velha, não vai virar logo?”. Então eu acho, é difícil, é complicado isso daí. Porque na verdade, a gente não se sente velho”. (Erlinda, Entrevista: 11/2001). Ela desabafa que quando a chamam de velha, sente que eles são um lixo e ela é a superior. É um impacto que constantemente assalta Erlinda nas ruas de Piracicaba. Ela não aceita ser chamada de velha porque continua no seu trabalho de construção da vida. Eles ignoram esse fato e desabafam os estereótipos ligados à velhice, sem se importar para quem se dirigem. O trânsito se torna o micro espaço de reprodução do macro social: quando não se importa com o sujeito, com o ser humano, e o único código de referência é o anonimato, prevalece o estereótipo. Para entender esse debate torna-se necessário analisar conceitualmente as mudanças provocadas no significado do trabalho e no cotidiano de homens e mulheres, enquanto trabalhadores, com o processo de revolução industrial. Essa análise nos possibilitará entender como esse processo de racionalização, que se estende com mais força ao plano da comunicação, conforme denunciam alguns autores, foram determinantes para o estabelecimento de uma nova forma de marginalização da velhice na modernidade.

2.1 – TRABALHO ALIENADO

Os trabalhos com homens e mulheres da Terceira Idade, que recentemente são desenvolvidos no Brasil, têm o claro propósito de ir além da denúncia sobre a marginalização dos idosos, excluídos pelo sistema capitalista. É possível identificar nestas últimas três décadas, período em que delimitamos a análise sobre a velhice, duas linhas significativas que tomam conta das pesquisas: a primeira, que se orienta no campo político-econômico, procura demonstrar que a exclusão do idoso, que se acentuou na primeira revolução industrial, se estende com mais intensidade na Sociedade de Informação e Comunicação. Esse processo pode ser medido pelo deslocamento da alienação do trabalho à alienação de expressão comunicacional. A preocupação é mostrar como a estrutura capitalista, usando os aparatos tecnológicos, acentua não só a marginalização dos idosos como de outros segmentos sociais. A segunda linha parte da mesma exclusão só que com outra abordagem voltada ao campo educacional: é necessário buscar alternativas em integrar o idoso na Sociedade de Informação.

As diferenças dos fins das linhas determinam os meios como ambas contextualizam a questão do idoso na sociedade. Essa definição também contribui para o emprego de metodologias diferentes: uma com a proposta de mostrar que a gênese da opressão está situada na desfiguração do trabalho, em que o homem somente representou como estatística, como mais um número nas fábricas. O discurso nessa linha é de que é preciso contestar o passado revelando como o poder acentuou as desigualdades sociais.

A segunda metodologia parte da exclusão do idoso com o avanço da racionalidade técnica no campo da informação. Essa vertente vê o conflito que se instaura na sobreposição da memória oficial à memória marginalizada ou subalterna. Por isso, uma das

abordagens nessa metodologia se serve do discurso oral para reescrever a história de bairros, cidades, da própria comunidade, ou do indivíduo, como meio de dimensionar o idoso no papel de agente social. Essa metodologia trata como importante a discussão no campo da educação e aponta em alguns casos que o acesso à informática significa dar cidadania aos idosos.

Há explícito nessas metodologias que a modernidade é empregada como instrumento de controle de uma classe dominante e se materializou como política excludente do idoso como sujeito histórico. Esse fato pode ser observado ao delimitar um período importante na história do país, o início do governo republicano. É preciso denunciar que o discurso de construção da modernidade no Brasil, que se encaminhou pelo lema “Ordem e Progresso”, se desenvolveu e foi implantado com o objetivo de moldar uma sociedade complexa brasileira à realidade européia. Desprezaram as diferenças históricas de cada povo e foi estabelecido uma particularidade como universalidade para o que se nominou como processo irreversível da modernidade.

A crise existencial que toma conta de milhares e milhares de aposentados quando atingem a tão sonhada meta existencial é um ponto importante para discutir no decorrer desta história, como o trabalho é moldado ao sistema somente por seu aspecto da produção. A aposentadoria, que deveria ser um processo de reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelas pessoas durante longos anos de sua vida, passa a ter outro aspecto ideológico. Um aspecto que perpassa a questão do sofrimento. É esse sentimento que implodiu na diretora Aracy Duarte Ferrari: juntamente com o deixar o trabalho veio o estado depressivo. Mesmo tendo iniciado o trabalho desde menina, quando se defrontou com uma realidade em que reconhecia seu momento improdutivo, parte do seu ser desmoronou. Foi dessa forma que ela chegou à conclusão: “sou velho mesmo”. (Aracy, Entrevista: 06/2001).

Soma-se a isso o fato de que a sobrevalorização do indivíduo, estritamente pelo critério da produtividade, deu forças a um discurso e uma prática de exclusão aos que deixam de participar dessa realidade. Essa negação do idoso como sujeito histórico, quando fora do trabalho, faz parte de uma ideologia que ganhou forças na sociedade industrial.

O problema não está em culpar as novas tecnologias de informação; mas o uso que é feito delas como controle social pela classe dominante. É isso que apontam os trabalhos sobre os idosos. E o poder de dominação pode ser medido pela automação das fábricas. No campo da informação, as inquietações surgem do fato de que com a televisão e mais tarde com o computador, as desigualdades contrastadas no mundo do trabalho se acentuam no exercício da comunicação. Um dos efeitos denunciados dessa nova estrutura tecnológica é que o processo de seleção de informações deixou de ser essencialmente de toda a sociedade e passou a ser definido por uma minoria. No período pré-tecnológico o controle era por ocultamento das informações. Agora é pelo excesso.

O que está submerso em toda a discussão nessas metodologias é qual o valor atribuído socialmente à experiência do idoso. Ao ser taxado de improdutivo, o modelo industrial simplesmente o rejeita, ratificando o discurso ideológico de que a existência da indústria independe do operário. Na Sociedade de Informação, a experiência – aqui nominada como exercício da comunicação – também é castrada pelo reino da informação. Neste capítulo, a análise se estenderá essencialmente à questão do trabalho. As mudanças provocadas na experiência pelos meios de comunicação serão discutidas nos capítulos 3 e 4.

A revolução industrial pode ser situada entre o final do século XVIII e o início do século XIX. A principal mudança social foi substituir na produção a força física do homem pela energia das máquinas. A discussão que se seguirá sobre o conceito de trabalho está

delineada na problemática lançada por Simone WEIL (1996): “pode-se dizer que houve uma segunda revolução industrial. A primeira se define pela utilização científica da matéria inerte e das forças da natureza. A segunda se define pela utilização científica da matéria viva, isto é, dos homens”. (BOSI, 1996: 136). É sobre esta segunda revolução industrial, da qual identifica Weil, que se analisará a questão do trabalho. Com a revolução industrial, a materialização exterior, que passa do homem à máquina, impulsiona uma nova forma de poder - pois a propriedade da “máquina” condiciona inclusive a propriedade da força de trabalho. Essa identificação é importante porque é o momento em que há um discurso seguido de ação ideológica que distancia a essência do homem na realização do trabalho e se estabelece um outro valor do trabalho para o homem.

A fragmentação do serviço modulado na indústria cria uma nova forma de relação do homem com o que ele produz. Alienado da sua força de trabalho, o homem tem negado a identificação do seu esforço com o produto completo destinado ao social. Esse distanciamento nos permite entender como a aposentadoria representa um processo doloroso e que exige muitas vezes uma nova ressocialização. A perda do sentido da vida é um dos fatores preocupantes nessa fase, que culmina na necessidade de encontrar um outro estilo de vida. Não é à toa que a máxima da juventude tenha sido incorporada com tanto vigor pelos estudantes da Terceira Idade, dentro do discurso do continuar trabalhando, em detrimento da velhice – que é perda da produção dos sonhos.

Nesse campo histórico é possível identificar dois momentos que nos conduzem à reflexão desta pesquisa: na “segunda” revolução industrial, os idosos – seres improdutivos - estavam como não participantes do mercado do trabalho. Na “terceira” revolução industrial – nominada por SCHAFF (1991) como Sociedade Informática - esse problema passa a atingir os jovens com a automação a acentuar o desemprego estrutural. A privação

do trabalho como participação social, que se delega às máquinas, deixa de ser um processo particular dos idosos e ao atingir os jovens – homens do futuro – estabelece uma crise coletiva para encontrar novo sentido da vida.

As recentes pesquisas realizadas no Brasil demonstram que houve um progressivo processo de eliminação de referências ao idoso para sua construção de identidade social. Em nome do irreversível processo de modernização, as manifestações culturais dos idosos – fora do plano da produtividade – foram aos pouco relegadas a segundo plano. Para compreender parte do processo de marginalização do idoso pelas linhas de pesquisas desenvolvidas no Brasil é preciso primeiramente discutir como o modelo de construção e opressão do trabalho se desenvolveu nos países desenvolvidos. Para isso delimitaremos dois trabalhos que considero importantes nesse campo: a discussão conceitual do trabalho alienado, de Karl MARX (2001), e a situação da condição operária na fábrica, vivida e documentada por Simone Weil.

O diagnóstico da alienação do trabalhador dentro do processo de industrialização feito por Marx é orientado diretamente por uma preocupação, que o domina agudamente desde os tópicos iniciais do primeiro manuscrito, para ficarmos restritos ao debate em questão. O primeiro ponto refere-se a um sistema de produção que se desenvolve com tamanha brutalidade e atinge o estágio em que o próprio trabalhador passa a ter o mesmo valor de uma mercadoria. Está dentro da lei da oferta e da procura. Esse critério, que toma corpo na divisão entre o capitalista e o trabalhador, provoca uma mudança na própria consciência do homem, que trabalha com a realidade. Já é possível visualizar neste tópico o momento em que o homem trabalhador deixa sua condição de homem e passa a ser tratado na realidade somente como trabalhador funcional.

O problema está na disparidade de vida que essa sociedade industrial possibilita ao capitalista e em igual ou proporções maiores sobrepuja o trabalhador. É diante dessa crise que Marx estabelece um ponto preponderante para o debate: qual é o objetivo do capitalismo, que tanto nos momentos de crise quanto nos de prosperidade não sinaliza qualquer possibilidade de que o homem trabalhador viva como homem. “Entretanto, uma vez que, segundo Smith, uma sociedade em que a maioria padece não é feliz, e já que a mais próspera situação da sociedade causa a agonia da maioria, enquanto o sistema econômico (em geral, uma sociedade de interesses privados) conduz a essa situação muito próspera, segue-se que a miséria social constitui o objetivo da economia” (MARX, 2001: 70).

Há aqui explícita uma situação que parece fundamental para discutir a crítica contumaz feita por Marx. Não se trata, e isso já é grave, da implantação de um sistema de injustiça social em que estabelece como fato dado à condição a que a maioria da população passa a estar sujeita. A revolta contida na análise, que grita com força no manuscrito, é a negação do homem enquanto ser humano, enquanto sujeito histórico, transformado em simples expressão numérica para ser adaptado a uma função mecânica. A sociedade industrial empobrece o trabalhador e o transforma em objeto da máquina. Como se consuma essa degradação humana?

Poderíamos citar como uma das problemáticas colocadas por Marx o contraponto dos interesses que ele recupera dos economistas. "De acordo com os economistas, embora o interesse do trabalhador nunca se contraponha ao interesse da sociedade, a sociedade é sempre e necessariamente oposta ao interesse do trabalhador” (MARX, 2001:71). Aqui temos um problema que revela os espaços que distanciam o trabalhador do capitalista. Pois, se o objetivo da economia é a miséria social, então o que está em discussão não é mais a

questão da coletividade, do desenvolvimento da sociedade, mas sim da afirmação individualista. É esse o princípio do capitalismo tão criticado por Marx, pois rejeita essencialmente um ponto importante: ao negar o desenvolvimento do trabalhador enquanto homem, submetido a um processo de industrialização em descompasso com os anseios de realização do coletivo; o capitalista tem como único parâmetro à viabilização do lucro.

Em nenhum momento o capitalista aponta como essência do trabalho o desenvolvimento do processo criador do raciocínio do homem, como busca de contribuir decisivamente para o progresso social. O progresso é colocado nos trilhos do lucro, em que a locomotiva é o trabalhador. Se por um lado, o capitalista não apresenta significado para a importância do trabalho, é preciso analisar a questão partindo de uma interpretação que saia da realidade desfigurada do trabalhador. O trabalho surge como a atividade de realização social, em que o homem pode desenvolver a consciência de como seus atos tem importância para a organização social. O trabalho, como enfoca Marx, é a essência. Mas como o próprio autor alerta, é preciso distinguir dois pontos: “alugar o próprio trabalho é dar início à escravidão, alugar a matéria do trabalho é estabelecer a própria liberdade. O trabalho é o homem, mas a matéria nada tem do homem” (MARX, 2001: 90). É com esse enfoque que podemos debater o trabalho alienado, do qual Marx aponta as conseqüências provocadas na afirmação do trabalhador enquanto sujeito histórico, em uma sociedade que se rege excessivamente pelo reino da produção, do lucro a qualquer preço.

A questão primordial para interpretar o pensamento de Marx, na discussão do trabalho alienado, é entender qual o ponto problemático em que ele decide iniciar o conceito. Marx deixa claro que não procurará uma explicação, como procede ao economista, a partir de um estado original mitológico, que nada elucida. A proposta é fundamentar a discussão partindo de um fato econômico contemporâneo. E aqui surge a

primeira problemática que o autor alemão diagnostica na sociedade industrial movimentada pelo espírito do capitalismo. Ao transformar tudo em mercadoria, em nome de uma produção cada vez mais maciça, os produtos derivados dessa produção passam a ganhar uma dimensão valorativa que ultrapassa até mesmo o significado do homem- trabalhador na sociedade. Como acrescenta Marx: “com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens”. (MARX, 2001: 111).

O debate que se lança acima é primordial para compreender o que Marx vai identificar como objetivação do trabalho – uma situação em que o objeto passa a situar como ser estranho e atuar como um poder independente do trabalhador. Essa ruptura que se estabelece coloca em xeque o significado do trabalho enquanto construção da identidade do indivíduo. Da mesma forma em que se institui a divisão do trabalho, há um efeito, com a mesma tônica, na totalidade do homem-trabalhador. Embora Marx não cite, mas os tópicos que ele lança para explicar os efeitos do trabalho alienado mostram a fragmentação do ser, do sujeito, que perde completamente a referência social ao perder a relação construtiva consigo mesmo.

O primeiro passo é o que Marx cita como objetivação do trabalho. Ele explica que

> *“O trabalhador põe sua vida no objeto; porém agora ela já não lhe pertence, mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontra objeto. O que se incorporou no objeto do seu trabalho já não é seu. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído. A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica”.* (MARX, 2001: 112).

O segundo ponto está na alienação do trabalhador a partir de sua relação com os produtos do trabalho. É o que Marx vai nomear como alienação ativa: quando o trabalho, objetivado, passa a ser exterior ao próprio trabalhador:

> *"ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas, infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruina o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades"*. (MARX, 2001: 114).

O terceiro e quarto pontos citados por Marx podem ser descritos pela crise existencial que agudiza e corrói a identificação do homem como ser social ocorrido por um fator problemático: a ausência de referência para que o homem se projete em outro homem. O principal efeito dessa crise é o fato de o homem não conseguir perceber sua própria imagem num mundo criado por ele. Outra implicação citada por Marx da alienação do homem a respeito do produto de seu trabalho, da sua vida genérica, é a alienação do homem em relação ao homem. "A alienação do homem e, além de tudo, a relação em que o homem se encontra consigo mesmo, realiza-se e traduz-se inicialmente na relação do homem com os outros homens. Portanto, a relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, como trabalhador, se depara". (MARX, 2001: 118).

Ao atingir esse ponto, Marx então descreve o seguinte pressuposto: se realmente o trabalho passa a ser estranho ao trabalhador, dentro do processo de objetivação citado acima, então é preciso entender que o trabalho e o seu produto só podem pertencer ao próprio homem – o não trabalhador. Parte-se da afirmativa de que a relação do homem com ele mesmo só é real, objetiva, por meio da sua relação com outros homens.

> *"Se ele se relaciona com o produto do trabalho, com o seu trabalho objetivado, como com um objeto estranho, hostil, poderoso, independente, relaciona-se com ele de tal forma que outro homem estranho, inimigo, mais poderoso e independente, seja o senhor desse objeto. Se ele se relaciona com a própria atividade como com uma atividade não-livre, então se relaciona assim como a atividade com o serviço, sob o domínio, a repressão e o mando de outro homem"*. (MARX, 2001: 119).

A discussão do trabalho alienado proposto por Marx no século XIX, cujo problema se engendra na sociedade industrial, é o motor da série de denúncias que passam a ser feitas por vários setores sociais na sociedade contemporânea. No cinema, Charlie Chaplin questiona o sistema capitalista com o filme **Tempos Modernos**. A imagem de um operário cuja função é somente apertar parafusos mostra o contraponto denunciado por Marx: com o investimento em tecnologias para o aumento de produção, o homem não só passa a ser explorado em seu tempo excedente como também ele se torna o processo mecânico do trabalho. No filme citado, o retrato proposto é materializar a crise com a brutalidade que a realidade é apresentada: o homem desfigurado de si mesmo, sem vínculo com o produto realizado, sem a dimensão social do seu esforço, sem espírito, com o corpo escravizado por um tempo que gira e movimenta a linha de produção.

Ao analisar os efeitos de uma sociedade informatizada, plano histórico em que se situam os estudantes da Terceira Idade, perturba constatar que esse homem que perde sua relação consigo mesmo, que não tem mais o tempo livre para criar e usufruir da cultura, somente teve agravado sua situação na sociedade contemporânea. As discussões que circundam o debate atual mostram o despreparo do homem em saber utilizar o tempo livre, como nos apresenta Adam SCHAFF (1991). Com todas as inovações tecnológicas, ainda se trava uma luta árdua para se conquistar tempo de trabalho de 40 horas semanais. Por

enquanto, prevalece a denúncia de Marx: em vez de ter mais tempo livre, o trabalhador passa mais tempo nas empresas.

A experiência da vida de fábrica descrita por Simone WEIL no início do século passado é sintomático para entender essa denúncia de Marx. A professora e intelectual, que foi trabalhar na linha de produção, se tornou a voz dos que perderam a arma de sua expressão devido ao estado de infelicidade e de uma rotina que torna na prática inviável do próprio pensar. “Que bom seria depositar a alma, à entrada, no cartão de ponto e retomá-la intacta à saída! Mas é o contrário que se dá. Ela vai com a gente para a fábrica, onde sofre; de noite este esgotamento como que a anulou, e as horas de lazer são inúteis”. (BOSI, 1996: 161). Toda a discussão, tratada de forma sensível por Simone Weil, retrata um ambiente em que as peças têm história e os homens são deslocados para o anonimato. Não se sabe o que produz, para onde serão levadas às peças e há uma perda gradual de comunicação. Só isso explica a contradição identificada pela autora da expressão de felicidade dos trabalhadores durante a greve de 1936, em uma fábrica na França, em contraposição ao triste ambiente do cotidiano. “A fábrica deveria ser um lugar de alegria, um lugar onde, mesmo que fosse inevitável que o corpo e a alma sofressem, também a alma pudesse, no entanto, gozar de alegrias, alimentar-se de alegrias”. (BOSI: 1996; 168).

Não é difícil entender todo esse sentimento de vazio, de perda do sentido da vida enquanto trabalhador, quando se entende o sistema em que o processo de racionalização foi posto em prática na segunda revolução industrial. A primeira crítica da taylorização é que sua “Organização Científica do Trabalho”, como batizou, nada tem de científico. Pelo contrário: todas as descobertas desse contramestre - que tinha escolaridade máxima de segundo grau - realizadas em um laboratório de uma fábrica eram inspiradas por sua vontade de aumentar a cadência dos operários e por seu mau humor ante a resistência deles.

"Os contramestres egípcios tinham chicotes para levar os operários a produzirem; Taylor substituiu o chicote pelos escritórios e pelos laboratórios, com a cobertura da ciência". (BOSI, 1996: 145).

Ao aumentar a cadência, o trabalho em intensidade, em vez de simplesmente as horas extras, há uma modificação na questão do trabalho. Não há mais tempo para pensar, não há mais tempo para conversar e aos poucos não há mais nada para transmitir. O trabalho se desloca de um tradicionalismo personalista – em que cada trabalhador conhecia o trabalho e transmitia aos mais jovens - para um racionalismo impessoal – em que o conhecimento do trabalho é propriedade da organização.[11]

Mas acredito que a principal crise que se instala em uma sociedade, como a brasileira, é a negação do sujeito histórico. A maioria da população brasileira tem uma enorme dificuldade de se projetar como construtora do país, porque sempre foi mantida afastada e marginalizada do processo de transformação. Certamente, esses trabalhadores se lançam a suas funções com o objetivo de conseguir sua subsistência – o qual muitos não conseguem. O capitalismo implantado no Brasil, com a República, seguia o lema da Ordem e Progresso e a promessa de justiça social. Dentro da discussão marxista, a proposta é um princípio antagônico, visto que a miséria social é o resultado da aplicação desse sistema.

A pergunta formulada por Simone Weil em suas inquietações ainda ecoa no ar sem resposta prática: "Aí está o verdadeiro problema, o mais grave problema que a classe operária tem: encontrar um método de organização do trabalho que seja aceitável ao mesmo tempo para a produção, para o trabalho e para o consumo". (BOSI, 1996: 140). A sociedade

[11] Os conceitos de tradicionalismo personalista e racionalismo impessoal foram empregados pelo professor José de Souza Martins, do Departamento de História da USP, na análise do Texto "A Aparição do Demônio na Fábrica". Ele utiliza os conceitos para identificar as mudanças ocorridas na Cerâmica São Caetano S/A com as inovações tecnológicas e como isso determina as relações de trabalho.

contemporânea ainda procura encontrar significado para o trabalho em contraponto à forma como foi racionalizado. Só que ao invés da mudança da aplicação do sistema injusto, o que se verifica atualmente é a justificativa do progresso irreversível e da necessidade de colocar o trem em outro trilho, o da pós-modernidade.

Esse teor de análise é sintomático: ao levar o individualismo às suas últimas conseqüências, o indivíduo aparece como o ponto de partida e de chegada do capitalismo para mudar as atitudes do trabalhador ao produto de seu trabalho. Não trata a questão mais como problema coletivo, mas como solução estritamente particular. Solução que não se estenderá ao social, pois o que está em foco no discurso é a realização pessoal, o anseio que é promovido pelo capitalista. Toda essa proposta é levada a um plano psicológico do indivíduo, cujo diagnóstico nos aponta um novo ponto a ser descrito do que se caracteriza como trabalho alienado.

Aqui está a gênese da opressão capitalista denunciada por Ecléa BOSI (1999) em **Memória e Lembranças de Velhos**. Escrito para defesa de livre-docência, em 1979, o ensaio de Bosi é hoje referência nacional e citado essencialmente pela sensibilidade com que a autora trata a questão dos velhos. Por meio de relatos de pessoas simples, testemunhas da história, a professora de Psicologia Social da USP demonstra como os depoimentos são diferentes da história oficial. E seu discurso vai além, quando recupera o trabalho de Simone de Beauvoir (1996): “se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido da vida presente, é porque em todo o tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado”. (BOSI, 1999:80).

Nem mesmo o discurso de que esse descaso com os velhos é um sintoma recente, algo específico da sociedade contemporânea, se sustenta mais. Pesquisas recentes, como descreve DEBERT (1999) em seu trabalho, desfazem os poucos tecidos de dignidade no

tratamento dado aos idosos no passado. O principal resultado dessa investigação histórica sobre a situação dos velhos em outras sociedades é desmascarar o discurso universal, generalizado, do qual existiu uma época de ouro da velhice. Sem essa distinção, o primeiro impacto é que precisamos parar de nos esconder em estereótipos ou afirmações generalizadas. É preciso olhar para os velhos como humanos, ou antes disso, precisa trazer esses homens e mulheres para a humanidade.

É com esse teor que **Donana**, em 1979, e **Últimas Luas**, em 1999, buscam retomar essa essência. Ambas as peças utilizam o mesmo dilema, com enfoques diferentes, para mostrar que antes de ser velhos, eles foram crianças, jovens, homens maduros e que carregam sonhos, desejos e frustrações. Há um discurso implícito no debate: para entendermos o humano que se encontra nos velhos é preciso se desfazer da certeza de que todos alcançamos a sabedoria com o passar dos anos, como se fosse um processo automático. Assim como automática era a afirmação de que todos os velhos são serenos. É essa denúncia traçada por BEAUVOIR (1996).

> *"Antes de tudo, exige-se deles a serenidade; afirma-se que possuem essa serenidade, o que o autoriza o desinteresse por sua infelicidade. A imagem sublimada deles mesmos que lhes é proposta é a do Sábio aureolado de cabelos brancos, rico de experiência e venerável, que domina de muito alto a condição humana; se dela se afastam, caem no outro extremo: a imagem que se opõe à primeira é a do velho louco que caduca e delira e de quem as crianças zombam"*. (BEAUVOIR, 1996: 10)

E baseado nessa construção dramática que BEAUVOIR conclui: "De qualquer maneira, por sua virtude ou abjeção, os velhos situam-se fora da humanidade".

2.2 - DONANA

...a lucidez só me vem agora que perco a consciência ...

A frase é pronunciada com angústia no final do espetáculo **Donana**, em uma representação que denuncia um momento trágico na vida dos velhos na sociedade. Com texto do diretor Carlos Ciambroni, o espetáculo estreou em São Paulo em 1975 e teve como principal prêmio o de melhor espetáculo estrangeiro no Festival Internacional de Teatro de Havana/Cuba. A peça aborda a vida de uma anciã septuagenária e tem a proposta de denunciar a marginalização que sofrem todos os nossos velhos, colocados na sociedade que eles mesmos ajudaram a construir.

O espetáculo trata-se de um monólogo em que Ana, seduzida e abandonada, está sempre às voltas com o passado, nas figuras de Alberto, seu marido, ou de seus filhos Carmem, Terezinha e Albertinho. É o passado que a todo o momento atormenta o pensamento de Donana e faz com que imprima reflexivamente o ato no presente. A dor, a tristeza, as lágrimas que correm pela face marcada pelo tempo, o riso escrachado; e novamente a dor. Como contraponto à memória, Donana sobrevive em um presente que aparenta não ter mais significado. Ou se há um sentido, não é condigno com a realidade humana. Em meio ao redemoinho do passado e ao presente ausente, a personagem entra em estado de cumplicidade com os sujeitos espectadores sobre uma responsabilidade da qual não podemos nunca nos esquivar: o futuro só se concretiza a partir do momento em que reconhecemos o valor da nossa existência no presente. É aqui que está o paradoxo de Donana.

É preciso afirmar que o tormento do espetáculo só pode ser sentido porque Donana, ao mesmo tempo em que tem a habilidade de adaptar-se às circunstâncias, é irrequieta e inconformista com o meio em que vive. As imagens de sua vida são exteriorizadas pela fala

e não é difícil de se defrontar com um cenário cujo peso é cada vez mais castrador. Aos 70 anos de idade, os elogios da professora primária sobre seu bom comportamento na escola perderam completamente o nexo. Pior: aquilo que fôra tomado como contentamento durante a infância, hoje é reconhecido como o ingênuo cumprimento de uma regra imposta socialmente: a figura da boa aluna. Ao se desmascarar na infância, ela deixa uma questão soprando no mesmo vácuo de tempo em que vive: quem é aquela menina? Em que mulher ela poderia tornar-se hoje se, naquele instante em que despertava para a vida, ignorasse as convenções demarcadas socialmente e tomasse os seus reais desejos como fonte principal para sua transformação pessoal? A resposta se fragmenta em tantas possibilidades na angústia da personagem que se dilui e se esvai com o mesmo impacto com que sobreveio a esperança.

A boa aluna cresceu e se transformou na boa esposa, mulher exemplar para o marido Alberto e a querida mãe para seus três filhos. Onde estão seus filhos? Ninguém sabe. Donana está sozinha, isolada em uma residência que só existe como divertimento para os meninos da rua tocarem campainha e correrem em seguida, com o deboche entremeado aos risos. Se ela existe para essas crianças, é como objeto de escracho. A materialização do isolamento de Ana está no grito que irrompe durante todo o espetáculo, a cada longo toque da campainha: Quem é? Quem é? Não há qualquer sinal de que sejam seus velhos amigos que retornam para abraçá-la ou visita surpresa dos filhos. É uma rotina de toques, súbita esperança demolida pelo silêncio. Ana reconhece: são os meninos que a atormentam e agudizam a tristeza do presente.

Há momentos cômicos do espetáculo, em que por um momento se percebe como a fragilidade do ser humano é também um elemento de sua força. É o sorriso de seu cotidiano, iluminado pelo seu atual estado de lucidez – ao contrário da gargalhada que

encerra cada relato de frustração - que lhe dá a dignidade de humano. No riso, Ana se reencontra, mesmo compreendendo sua fragilidade. Não há nesses momentos como o espectador fugir em compartilhar com ela suas aspirações e aflições da vida. Mas é no momento em que a sinceridade consigo é ofuscada pelo tom irônico da gargalhada, Ana se desfaz novamente. A recomeçar, como no mito de Sisífo, só que em vez de levar a pedra ao topo da montanha, ela tem que se refazer, reunir seus sentimentos para construir sua identidade, que se desfaz no próximo ato.

A angústia de Donana está contida num reconhecimento dramático, uma revelação com teor existencialista: a lucidez só me vem agora que perco a consciência... Quando o presente era vivido, hoje recordado, Ana tinha, sim, consciência do que pretendia na vida. Pelas suas lembranças entende-se que foi feliz na concretização dos papéis de boa aluna, boa mãe e mulher exemplar. Por isso fica latente que não é a consciência o que a personagem rechaça, e sim o que foi construído no decorrer de sua vida, tido agora como superficial. Há uma sensação exata de traição. E a incógnita está em entender a máscara que ela derruba no momento em que atinge a lucidez.

Embora a pergunta não tenha sido pronunciada, ela está presente em todo o espetáculo: quem sou eu? Em quem me transformei? Ou, em quem poderia ter me transformado? Em vez disso, Ana se questiona sobre o que fez de sua vida e o que fizeram dela. Se os atos produzidos no decorrer de todos esses anos parecem se dissociar do seu próprio agente, então é necessário perguntar: quem foi realmente sujeito de sua própria história? Ou, em que momento a busca de exercer um papel social exemplar foi decisivo para moldar uma máscara a destoar cada vez mais de si mesmo?

Ao olharmos para Ana, pelo aspecto do passado, não há como equacionar com um argumento contundente da interpretação de Walter Benjamin (1993). Ao analisar a obra

Em Busca do Tempo Perdido, de Proust, Benjamim (1993) expressa que esse trabalho é a tentativa interminável de galvanizar toda uma vida humana com o máximo de consciência. E a análise de Benjamin procura identificar que o procedimento de Proust não é a reflexão, e sim a consciência. "Ele *(Proust)* está convencido da verdade de que não temos tempo de viver os verdadeiros dramas da existência que nos é destinada. É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa". (BENJAMIN, 1993:46).

Eis o que está implícito nesse brado de **Donana**, no momento em que tem a lucidez, mas perde a consciência. Ela está lúcida no presente de que não vivenciou os verdadeiros dramas da sua existência. Onde estava o proprietário quando as "reais" coisas aconteciam? A resposta parece estar clara: em busca da aparência – mesmo inconsciente-, de um reconhecimento social no qual o seu ser hoje não reconhece. E ao se reencontrar no hoje, também não se torna possível mais falar de que ela vivencia o presente. Donana, traída e abandonada, lúcida de que não viveu e, portanto, não se dimensiona como sujeito de sua própria vida, não consegue mais encontrar na memória a sua continuidade histórica.

Na busca de um reconhecimento por suas representações sociais, o seu ser fragmenta-se com tamanha intensidade, que ela tem a certeza de que perdeu um valor inestimável da essência humana. Só esse sentimento pejorativo pode explicar a comparação que ela faz em um momento do espetáculo: Ana está indefesa a essa sociedade, do mesmo modo a um inseto, ou mais especificamente, da barata que acabou de esmagar com uma vassoura. O inseto também nasceu, viveu e agora agoniza e morre, sem alterar a história. O único sinal da existência do inseto no tempo humano está na interrupção de um

pensamento, entre tantos da vida de Donana, na qual ela se assusta com algo que atravessa sua frente, toma de arma a vassoura e persegue a barata pela casa. São esses raros segundos que testemunham a vida do inseto na história da humanidade.

Mas Donana também está diante do seu fim. Com a perda dos reflexos, da força do corpo, ela tomba ao chão num descuido enquanto realiza uma atividade rotineira. A fratura em uma das pernas a deixa imobilizada. Amedrontada, Ana passa a gritar por socorro. Grita cada vez mais forte. Será que não há ninguém que possa ajudá-la? Nem sinal dos meninos peraltas, nem sinal de qualquer pessoa que possa socorrê-la. Ana não se conforma com o fato de estar abandonada, sozinha. É a sua lucidez que a faz reencontrar novamente a barata, morta, a poucos centímetros. Agora estão as duas no solo. E se morrer nesse instante, ela tem a triste certeza de que ambas não alterarão a história. O único fato a ser registrado da agonia de sua morte na história da humanidade não deverá ultrapassar de uma pequena interrupção de qualquer outra atividade rotineira de alguém, que por razões desconhecidas ou por mero acaso, tenha adentrado na residência e a descoberto desfalecida.

O que a peça procura transmitir é exatamente a agonia de morrer sem viver uma verdadeira história. A proposta do diretor é alertar os jovens para que lutem pela realização de seus sonhos e desejos. A mensagem é clara: é preciso viver os verdadeiros dramas da existência humana para, quando atingir a velhice, não vir a alimentar frustrações, presos que fomos a tabus e preconceitos fatalmente cultivados por nossa sociedade. As cerca de duas horas que o público se comove com o espetáculo é conduzida pelo monólogo em que a memória reconstrói o passado com uma nova leitura. E a amargura é a revelação de que a transformação do futuro de Donana foi impedida por uma falsa consciência que a levou a acreditar que determinados comportamentos em cada etapa da vida eram importantes.

A identificação desse refazer de Donana caracteriza o tipo de memória social trabalhada pelo sociólogo Maurice Halbwachs: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1999:55) Ecléa Bosi também descreve a importância existencial contida no exercício da lembrança. “Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais”. (BOSI, 1999:81).

Assisti a essa peça em 1999, na única apresentação no Teatro Municipal Giuseppe Verdi, em Salto, cidade do interior de São Paulo. E, ao deslocar essa discussão à realidade dos idosos, não é possível fugir de pelo menos duas questões essenciais: a primeira é de caráter particular. Qual o significado da auto-análise de Donana para a sociedade? Ana se rejeita com a justificativa de que foi iludida ao alimentar estereótipos. E essa frustração faz com que ela entre em conflito com sua própria história: ao negar o sentido completo da vida, o que fazer com esse estado de saudades, lembranças - o único ato que a movimenta para a busca da identidade?

A segunda questão é social. No período em que pulsa com mais força os trabalhos com homens e mulheres da Terceira Idade, Donana parece mostrar uma outra realidade que não condiz aos avanços dos quais se assiste na modernidade. As imagens veiculadas na televisão mostram homens e mulheres de 70 anos tomando as “rédeas” da sua vida, em busca do prazer e da felicidade. Nesse contexto, o espetáculo pode ser taxado meramente de apocalíptico e desprezado por cometer um “erro” de premissa: é a falta de esforço das Donanas no Brasil que as deixam aprisionadas nesse estado de inércia. Para sair desse cerco basta ter disposição. E aqui se abre uma inversão, em que se atribui simples solução particular para um problema social.

O primeiro aspecto levantado, particular, objetiva afirmar que a reflexão de milhares de pessoas como Donana não é um indicativo de que toda sua vida é ou foi uma farsa. E essa questão pode ser desvelada ao analisar a frase citada acima: a lucidez só me vem no momento em que perco a consciência... O que realmente conduz Ana de um estado para outro? Pelo teor de sua reivindicação pela vida, há um ato pelo qual Donana não pôde conter em seu íntimo, em seu estado de consciência que gradualmente se transformou em revolta. Ao traduzir como farsa sua história por não encontrar significado, Ana entrou em um estado de revolta que a conduziu para outro estado de afirmação de sua vida.

"A revolta não ocorre sem o sentimento de que, de alguma forma e em algum lugar, se tem razão" explica CAMUS (1996: 25) em seu ensaio **O Homem Revoltado**. E ao prosseguir a interrogação do ensaio, Camus destaca um aspecto que pode ser remetido diretamente a Donana: "Ao mesmo tempo em que há repulsa em relação ao intruso, há em toda revolta uma adesão integral e instantânea do homem a uma certa parte de si mesmo". (1996: 26). No transcorrer de toda a revolta, Ana é enfática ao esclarecer que o valor de sua vida está em entender que em momento algum perdeu a consciência. É esse traço que permite visualizar e discutir o seu passado no presente.

As lembranças de Donana não fluem de forma passiva. Há em cada pedaço da sua memória, em cada cenário que emerge do passado, uma indignação quanto ao seu próprio futuro. Já não se trata mais de um debate particular, aprisionado no mundo das idéias de uma idosa. Enquanto a amargura de Ana se restringia ao debate de sua consciência, talvez o problema poderia ser interpretado como estritamente pessoal. É um diálogo interno consigo, cuja opinião sobre sua situação no mundo é particular. Mas a partir do momento em que Ana exterioriza seus medos, suas alegrias, essa realidade particular é obrigada a ser analisada no contexto social.

É nesta projeção e identificação do eu com o outro na sociedade, do qual podemos trilhar o mesmo destino particular de Ana, que a sociedade nutre-se da experiência para mudar seu caminho. Por um momento, a existência da mulher idosa serve como um tesouro transmitido aos mais jovens, a todo o público. Por ironia, ao desnudar-se como seduzida ao público, Ana refaz a importância da sabedoria numa realidade pragmática cujo sintoma social é a perda gradativa do valor da troca de experiências. E mesmo diante da impotência do ser humano revelado no final do espetáculo, a força dos conteúdos da memória instiga os espectadores a tomarem uma posição diante da realidade conformista.

De certa forma, o discurso acusatório de manipulação contido na peça tem a mesma tônica do que MARCUSE (1967) identifica como pensamento unidimensional. Esse pensamento dissemina-se até atingir o estágio em que os interesses políticos de uma minoria controladora passem a ser incorporado pela maioria como necessidades individuais. Marcuse discute como os valores de uma cultura superior se instalam como positivos em toda a sociedade. Com uma interpretação orientada no modelo dos países "desenvolvidos" da Europa e Estados Unidos, o autor apresenta exemplos de como esse processo se cristaliza até atingir ao que ele identifica como supressão da história. Entretanto, e aqui está um fator decisivo em Donana: Marcuse identifica a memória como um dos importantes elementos na luta contra a opressão da sociedade capitalista:

> *"A lembrança do passado pode dar surgimento a perigosas introspecções, e a sociedade estabelecida parece apreensiva com os conteúdos subversivos da memória. A lembrança é um modo de dissociação dos fatos dados, um modo de"mediação" que quebra, por alguns instantes, o poder onipresente dos fatos dados. A memória recorda o terror e a esperança passados. Ambos voltam à vida, mas enquanto, na realidade aquele ressurge em formas sempre novas, esta permanece uma esperança. E, nos acontecimentos pessoais que reaparecem na memória individual, os temores e as aspirações da humanidade se reafirmam – o universal*

> *no particular. É a história que a memória preserva"* (MARCUSE: 1967;104)

Eis por que o lamento de Donana não se extingue com o fechar das cortinas do espetáculo. Em algum momento, sente-se que não se trata meramente de uma representação de um momento tenebroso vivenciado pela civilização. Os temores e as aspirações não se restringem à personagem, ao velho, mas é um processo que envolve todos os homens e mulheres na sociedade. O universal está refletido no particular. É a história que a memória preserva. Ana está novamente diante do paradoxo: ao confessar ao público que não possui uma história "verdadeira", a mulher reanalisa a sua história e a história da realidade de outras pessoas nesta sociedade. Nesse ponto, o ato de repúdio ao terror e as angústias passadas são semeadas ao público, agora sem alternativa para fugir desse embate. O discurso deixa de ser interpretado pelos gestos do tablado e passa a ser confrontado com a política pragmática implantada no Brasil e o teor com que a mídia passa a disseminar as informações sobre os velhos. Ou melhor, a ação da mídia que desloca os dramas da velhice a segundo plano em detrimento das aventuras da Terceira Idade.

Esse é o segundo ponto de discussão. Não há como assistir o espetáculo de Donana sem se perguntar: o que realmente revela a distância de Ana dos integrantes da Terceira Idade? O pressuposto inicial é que se está diante de realidades completamente contraditórias, que só podem ser analisadas cada uma em seu período histórico. A Donana da década de 70 não tem nada a ver com os homens e mulheres esportistas fotografados e entrevistados periodicamente pela mídia. Se há algo em comum, é o fato de serem septuagenários. Outra distinção aparentemente clara é a disposição política com relação aos velhos de hoje. Não é difícil ouvir relatos dos próprios integrantes da Terceira Idade de que estamos passando por um período de mudança. Antigamente, o Estado não tinha nenhuma

preocupação com os idosos. Hoje, com o claro aumento populacional e as estatísticas a indicar a possibilidade de uma sociedade constituída majoritariamente por velhos, não há como negar uma realidade. Para discutirmos o que representa essa outra face da velhice que se procura negar na sociedade da Informação e Comunicação é preciso entender o espírito da época em que surge Donana. Isso possibilitará entender, como em meio a todo essa ascensão da Terceira Idade, as angústias da velhice voltam a ser retratadas no espetáculo **Últimas Luas**, em 1999, com a mesma proposta de denúncia contida em Donana.

A voz ouvida de Donana por milhares de pessoas indica a retomada da luta em possibilitar uma nova forma de tratamento à velhice na sociedade contemporânea, com início na década de 70. Parte-se da trágica constatação de que a marginalização dos idosos atingiu um nível intolerável que se perpetua com a conivência de toda a sociedade. Uma conivência sustentada pelo silêncio. Os velhos estão isolados em suas residências ou abandonados em asilos. É necessário que as aflições saiam do campo das idéias de cada marginalizado, resgatada da memória de cada um para entrar na pauta de uma discussão política social.

Essa é a proposta explícita de Simone de Beauvoir quando lança, em 1970, o livro **"Velhice: Realidade Incômoda**". A autora parte do pressuposto de haver um pacto social para não ouvirmos os velhos. É essa angústia expressa por Beauvoir, na introdução da sua obra, desencadeada com o radical objetivo de quebrar a conspiração do silêncio. "Se lhe ouvíssemos a voz, seríamos obrigados a reconhecer que é uma voz humana; eu forçarei os meus leitores a ouvir essa voz".

A aflição de Ana não é particular. Ela expressa o sofrimento dos velhos em uma sociedade com uma política globalizada de valorizar meramente a técnica a ser empregada com as novas tecnologias para alavancar o progresso que se projeta em direção ao futuro

irreversível. Nesse cenário, os homens e mulheres são objetos úteis por determinado período e descartados no futuro. Esse diagnóstico explica porque Beauvoir diz que se ouvíssemos a voz desses homens e mulheres reconheceríamos que, independente da força física e das rugas, se tratam de homens e mulheres. Não é difícil entender a importância dessa obra no Brasil. **Velhice, a Realidade Incômoda** tem o propósito de ser uma ruptura, algo com peso tão valioso do qual a sociedade terá que tomar uma posição – assim como os espectadores de Donana.

Desde esse momento em que a denúncia é expressa para quebrar a conspiração do silêncio, pelo menos o grito do abandono dos velhos ecoa pela modernidade em meio às múltiplas vozes que se mesclam no reino da informação. Simone de Beauvoir cita como fato contundente que a diminuição do prestígio da velhice está associada ao descrédito da noção de experiência. Ela tem como referência a sociedade industrial. “A sociedade tecnocrática de hoje não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumula, mas sim que acabe perecendo. A idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à juventude que são apreciados”. (BEAUVOIR, 1994: 257). Mas a autora tem a proposta de valorizar a experiência atual, quando denuncia: “nossas lembranças não podem desqualificar nossa experiência atual; é antes a consciência de ter esquecido tantas coisas que a desvaloriza: nós a esqueceremos também”. (BEAUVOIR, 1994: 552).

A luta que se revigora com Simone de Beauvoir tem um discurso incontido: é preciso gritar, demolir as paredes das casas, dos asilos, dos nossos preconceitos, refletir sobre nossos valores enquanto humanos para acabar com essa ação de reduzir nossos velhos a meros objetos. São homens e mulheres, são humanos. Mas a sociedade está surda para essas vozes. Surdos e cegos, absorvidos unicamente em vivenciar o presente e traçar metas para o irreversível futuro. O que a obra de Beauvoir reflete é exatamente esse

escandaloso círculo vicioso que impera na sociedade tecnocrática. Não conseguimos nos enxergar como velhos no futuro. Pois, se houvesse essa mínima distinção, certamente nossos atos seriam diferentes.

Não há como analisar esse dilema exposto por BEAUVOIR sem retornarmos a discussão de Benjamin na reflexão da obra de Proust: não vivemos os reais dramas da nossa existência humana porque não assumimos em sua totalidade nossa condição humana. “Paremos de nos trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles”. (BEAUVOIR, 1994:12). Mas o reconhecimento parece estar dissimulado e ofuscado por um contido sentimento de repúdio. A sociedade encara a velhice como frágil, feia, ausente da realidade, como algo desfigurado da nossa identidade. Talvez seja por isso que a Terceira Idade esteja envolta em todo o espírito da juventude e tenha tido tanta aceitação social. E como em todo paradoxo, no momento em que a velhice é colocada em segundo plano, novamente as cortinas do Teatro se abrem para a arte denunciar o estado de abandono dos idosos na sociedade. Já não se trata mais de Ana seduzida e abandonada.

2.3 - ÚLTIMAS LUAS

Em **Últimas Luas**, o personagem principal é um intelectual de classe média, ex-professor de literatura – que poderia ser um de nossos integrantes da Terceira Idade. A peça começa num momento crucial da sua vida. O intelectual, gozando de boa situação financeira, arruma, ainda incrédulo, as malas para se mudar para um asilo. É nesse momento que todo o passado volta com efervescência, na busca de encontrar um sentido para sua vida no presente diante de uma constatação que se impõe em caráter irreversível no futuro: a "ausência social" que se imprime aos velhos. A acusação é a mesma contida em Donana: enquanto os velhos não forem tratados com dignidade, a velhice está longe de ser considerada a idade da sabedoria.

Ao invés do silêncio em que inicia Ana, a agonia de **Últimas Luas** começa antes do abrir das cortinas. O público é levado desde o primeiro momento, em que as luzes estão apagadas, a refletir sobre o espetáculo. A música, Concerto em Dó Maior, de Bach, identificada na primeira fala do personagem, se torna como um hino da vida do intelectual. A melodia embala por alguns minutos toda a acústica do teatro, dominada pelo silêncio do público. Há um toque suave, uma sensação de que algo está ocorrendo em passos lentos, num andante. A sensação é que o diretor usa Bach para evocar a história da vida do ex-professor. Quando as cortinas são abertas e o professor pronuncia a frase e suspira, carregado de um sentimento de paixão e nostalgia, compreende-se que se trata de um testemunho: é o último ato significativo de sua vida naquela residência, antes de se mudar para um asilo.

Em nenhum momento se anuncia qual é o seu nome. Encenado pelo ator Antonio Fagundes, que recebeu o prêmio de melhor ator da Associação Paulista dos Críticos de Arte (Apca), o ex-intelectual é chamado somente de pai e marido. Com texto do italiano Furio

Bordon, a peça foi trazida para o Brasil por uma questão de acaso. O ator Antonio Fagundes gravava o filme **Bossa Nova**, na Argentina, e um dos integrantes do elenco – argentino que fazia o papel de seu pai no filme - estava encenando a peça naquele país. Depois de comprar os direitos do texto, Fagundes passou a tradução para o encargo de Millôr Fernandes.

As duas partes em que se divide Últimas Luas são significativas. A primeira trata-se do momento em que o professor arruma as malas para seguir para o asilo. Em meio às discussões com o filho, o personagem reencontra a imagem da esposa morta. São esses diálogos que Bordon se utiliza para abordar a discussão sobre os velhos. Como escreveu Macksen LUIZ, na crítica da peça, publicada no Jornal do Brasil: "o artifício dramático da conversa do professor com a mulher morta, exatamente no dia da ida ao asilo, propõe recurso anti-realista, que quebra com a eventual pieguice que poderia se confundir com os percalços da Terceira Idade. A mulher, presença suficientemente etéril para não interferir na "ação", atuando como a consciência afetiva do professor, aponta as suas contradições emocionais e as dificuldades para aceitar a condição de alguém cada vez mais invisível para os outros" (LUIZ: 2001).

A invisibilidade está ligada ao estado de solidão a que o personagem se aprofunda cada vez mais. O intelectual sente que está se retirando de vez da vida pública e procura investir dignidade Aos seus atos. Há implícito o reconhecimento de que ele busca algo sólido a que se agarrar, mas o momento é de inevitável mudança. Não é algo planejado, sistematizado. A mudança de "lar" é uma ocorrência originada no estopim de uma relação desgastada e da perda de comunicação com o filho. Enquanto reafirma que ele é forte o suficiente para escolher sua ida ao asilo, sua consciência é afrontada pelo debate que trava com a mulher morta, que o aconselha a pedir ao filho para que o deixe continuar residindo

no lugar. Fica claro o estado de dissimulação do pensamento ao ato. Para onde será levada toda a sua experiência de vida? Como encontrar sentido para a vida futura quando se está diante da certeza de que tudo que lhe fez sentido até hoje será descartado?

Por mais que a força do personagem esteja evidente, não há como negar que aliado à força há um estado interior em crise. O intelectual não tem mais o reconhecimento de tudo que fez na vida. E a sua ida representa que não há nada mais para fazer no futuro pela sua família – e sabe-se depois, nem pela comunidade. É essa aflição que o leva a ver a face amarga da velhice em uma sociedade que a marginaliza. As frases são desprendidas em intervalos das discussões que esfacelam a dignidade do que ele construiu enquanto professor e lhe apresenta apenas sua faceta humana. Como bem cita Macksen Luiz, é a amargura contida em frases como “os velhos são apenas tristes”, a desesperança na constatação de que “quando chega à velhice, não se pode ser feliz, a felicidade ficou no passado” e a repulsa de que “os velhos não têm culpa do que parece ser”.

Se compararmos a primeira parte de **Últimas Luas** ao espetáculo **Donana** nos defrontamos com uma semelhança que supera os métodos de exposição dos autores. Tanto um quanto o outro se vale do monólogo, que materializa a solidão dos velhos. Ana está em meio às lembranças dos filhos e do marido. Sua convivência é atormentada pelas crianças que tocam a campainha. Em **Últimas Luas**, o professor está sozinho. Dialoga com o espírito da mulher e nem o fato do filho estar presente anula a sensação de que ele é somente outra faceta do estado de consciência do pai. Não se discute o valor do homem enquanto profissional. Essa é a denúncia. Qual a contribuição do professor no campo da literatura? Em que momento sua vida transformou a vida de milhares de pessoas, jovens, a mudarem seus atos sobre si, a terem outras visões sobre o futuro? A peça deixa em aberto

essa discussão. Pois o que está em discussão é a agonia dos dez últimos anos de um homem.

Da última peça de roupa colocada na mala, à lembrança da música de Bach, o professor defronta-se com um lado extremamente obscuro de ser, na qual ele constrói sua consciência. Ao mesmo tempo em que vivencia as aflições, ele as nomeia. Amargura, desesperança, repulsa. E a cada vez que nomeia seus sentimentos na solidão de sua casa, ele os estende criticamente a toda a sociedade. Consciente e lúcido do caminho que toma sua vida, o intelectual sente a tristeza da velhice no que há de mais deprimente: a sensação de que o sujeito está se desprendendo da própria vida. A infância, a fase adulta, os bons momentos em família. Toda a vida corre pela memória num trabalho de reconstituição do ser. Esse processo só tem significado e força expressiva quando se vincula que o ato de constituir-se é o embate a uma destituição social a qual seu ser está remetido.

E é nesse estado de "desintegração gradual" que o professor é apresentado ano mais tarde, "ajustado" à rotina do asilo, vivendo, como salienta LUIZ (2001), um cotidiano de terrores noturnos, mortes diárias e adensamento das lembranças. O asilo é o seqüestro de suas experiências. A solidão que era sentida como iminente na despedida de casa, agora já incorpora a sua experiência de vida. Nada mais lembra o homem professor. O álbum de foto que traz colado ao lado do corpo ratifica a realidade das lembranças. Na impossibilidade de fugir das barreiras de pedra, vencer os muros do que o prende, a foto é a única forma de transpor os vidros da janela do asilo e viajar pela realidade de seu passado.

Há um falso silêncio que a todo o momento é entrecortado pelo som do arrasto dos chinelos, "como formigas lustrando o chão sempre presente". O cenário com que se defronta com o asilo é perturbador: a perda da individualidade, a falta de ar, de alegria, o ajuntamento de pessoas sem qualquer laço solidário. A existência do homem, da

humanidade chega ao fim. Novamente o som de Bach, agora num volume mais forte, potente, que se faz ouvir com um ritmo mais veloz ao Concerto em Dó. As luzes estão todas acesas, mas é impossível manter o olhar fixo no palco: estamos em tensão com nosso interior, contra toda a ordem injusta implantada nesta sociedade pragmática. O som de Bach é mais alto; a neve cai e as cortinas se fecham. Já não há mais o que fazer.

O fim do espetáculo contém uma provocação a toda a sociedade. Precisamos ter a dimensão de toda nossa existência para que não sejamos levados a incorrer ciclicamente no mesmo erro. Não se trata de encadear fórmulas para elucidar o que cada um tem que fazer para trilhar um caminho mais digno quando atingirmos a velhice. Quando se defronta diante da totalidade do ser, as receitas pragmáticas têm poderes ineficientes. Até porque as atitudes meramente imediatistas conduzem a formas de sobrevivência, mas com o tempo percebe-se o vazio de sua essência. O professor está lúcido quando se incorpora à rotina do asilo. Para quem sempre vivenciou o cotidiano como fundamento da sua existência, não haveria sentido abandonar esse preceito na última lua. É na afirmação do passado que o personagem se agarra com vitalidade. A pergunta fica solta às milhares de pessoas que lotaram os teatros de várias cidades para assistir ao espetáculo: em que iremos nos agarrar? Por que a desintegração da identidade deve vir amparada no desprezo do passado, no discurso e comportamento autoritários da inexistência do futuro (leia-se vida)?

É uma punhalada. Essa foi a definição que Hilda Gertrudes Hildebrand da Silva e Vera Vicente de Azevedo tiveram da peça, de acordo com a crítica que escreveram no jornal Reproposta (DEZ/99-JAN/2000). Hilda e Vera integravam o grupo de alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade vinculada à Disciplina “A Aventura de Fazer Jornal” oferecida pelo Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Orientadas na proposta de descrever a

força da peça, as alunas procuram deixar claro desde o primeiro parágrafo do texto. “Um soco, um grito, um apelo, uma sacudida na sociedade; velhos, o que fazer? É isto **Últimas Luas**? É e não é um grito, porque existe delicadeza no espetáculo apresentado no Teatro Cultura Artística”.(REPROPOSTA, DEZ/99-JAN-2000: 17). Elas concordam que é o drama em que a “velhice é dissecada sem pudor, é transformada, as entranhas aparecem na abrangência da análise”. E complementam: Antonio Fagundes, velho, trêmulo, sofrido, nos apunhala e nos machuca com sua apresentação soberba, com a criação desse homem que sonhou apenas em ser um dos patinhos, dos sobrinhos do Donald.

Em depoimento aos alunos, o ator Antonio Fagundes explica: “A idade avançada para mim seria aquele momento especial da vida em que, as ansiedades resolvidas, só me restaria o prazer de ter vivido, a felicidade de ter participado de meu mundo, as glórias passadas me garantindo a certeza de um fim de vida digno, honrado, sereno, rico em experiências e sabedoria”. E o ator complementa: “O homem moderno sabe que é preciso estar preparado para encontrar, breve, as soluções para os problemas que a longevidade e a solidão irão depositar, mais cedo do que pensamos, aos nossos pés”. (REPROPOSTA, DEZ/99-JAN/2000: 17).

Eis o problema em aberto na modernidade: na necessidade de individualizar-se para progredir socialmente, o homem moderno sobrevive às voltas com o repúdio à solidariedade. O abandono passa a fazer parte do cotidiano e esse sentimento repulsivo se ingurgita cada vez mais até confundir-se como processo natural. E a solidão e a velhice ganham ares de surpresa e pega muitas vezes as pessoas desprevenidas. Há um grave problema que se constata na denúncia de **Últimas Luas**: a sociedade parece saltar de um estereótipo para outro, sem dar chances de entender a dimensão do sujeito. São crianças e em seguida jovens. A partir daí o sujeito é visto somente pelo aspecto profissional. Há

casos em que as regras de comportamento na vida cotidiana são orientadas somente pelo nível da profissão seguida. Esse desprezo é sentido no instante em que o sujeito é deslocado do mundo do trabalho e tratado somente pelo aspecto da aposentadoria, da velhice. Saltamos da infância para a velhice, sem um reconhecimento de nossa essência humana. E esse sentimento de sermos reconhecidos pela nossa contribuição social, pelo nosso trabalho é tão operante que quando há mudança provoca a intranqüilidade.

É isso que provoca irritação na estudante Elizabeth Vidor, de Piracicaba, quando a mídia retrata que a pessoa entrevistada é aposentado. “Esse ser aposentado eu acho horrível esse termo e acho que aposentado é aquela pessoa que está sem perspectiva de vida, já quase que morrendo, acho horrível. Poderia ser assim: dá o título. O que é: arquiteto, professor, diretor de escola,...” (Elizabeth, Entrevista: 06/2001). Talvez seja por isso que o ex-professor de literatura não tenha nome. É uma falha gritante quando o que está em debate é o grau de convivência social desse septuagenário. O que há de fato visível é que o ex-professor é dotado de um saber científico, mas que parece já não ter valor na esfera do cotidiano de sua vida familiar. Sem esse poder de comunicação, ele sai da invisibilidade que se tornou sua vida social para o anonimato estabelecido no asilo. Poderia se questionar que os asilos e as vozes castradas dos velhos em milhares de lares e pseudolares não permitem que tenhamos a dimensão exata do problema. Nem mesmo essa justificativa, de que houve um seqüestro de experiências, se sustenta, quando o contexto em que se analisa a problemática da marginalização da velhice é a Sociedade da Informação e Comunicação.

Em 2001, algumas das vozes dos velhos trancafiados nos asilos foram amplificadas e o cenário que se encontrou é deprimente. Enquanto a população se acostumava com o novo vocabulário “Lar dos Velhos”, com a exibição de locais com painéis paradisíacos para os velhos viverem suas últimas luas, mostrando um novo conceito moderno de lidar com a

velhice, um outro habitat foi levado à cena. Na verdade, o mesmo cenário deprimente que é alvo de denúncias há anos e é nominado popularmente como depósito humano ou historicamente como hospitais gerais. O trabalho de mais peso veio com a ação nominada de CPI dos Idosos, realizado no Estado do Rio de Janeiro – o Estado com maior população proporcional de idosos, na faixa de 80 mil - que teve início em março de 2001. O resultado de uma investigação de sete meses em 129 asilos cariocas deixou claro um quadro de irregularidades: apropriação indébita, cárcere privado, omissão de socorro, tortura, constrangimento ilegal, abuso sexual e falta de higiene, o que levou a recomendação para o fechamento de 22 asilos e a prisão de quatro pessoas em flagrante.

O trabalho feito em conjunto da Delegacia do Idoso e da Assembléia Legislativa abriu um debate político-social e deixou uma consideração precisa: muitos proprietários e os próprios familiares ainda vêem nos velhos simples objetos para serem confinados a determinados lugares, que beiram a depósito, e se escondem através de nomes pomposos. Dos 129 asilos, 101 apresentavam algum ou vários tipos de irregularidades. O dado mais alarmante é que destes, 75 eram clandestinos.

A situação pode ser descrita pela fala do presidente da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e da CPI do Idoso, deputado Sérgio Cabral Filho. “Nas visitas, vários velhinhos choravam e diziam que queriam apenas ir para casa. Isso é um absurdo. Os filhos jamais podem abandonar os pais em situações tão degradantes, como as que presenciamos” (FIGUEIREDO: 2001).

O Lar da Terceira Idade Meu Recanto, em Sepetiba, foi fechado em março. A CPI constatou diversos sinais de maus tratos e o abrigo, onde viviam 11 idosos, funcionava sem alvará. Além do proprietário, os familiares também seriam responsabilizados. Os casos mais graves foram identificados no asilo Casa de Repouso Recanto das Capoeiras, em

Campo Grande, zona oeste do Rio. A CPI decidiu fazer uma vistoria depois de receber denúncia pelo “Disque Idoso” de maus tratos, abuso sexual e falta de higiene. O quadro encontrado não poderia ser pior. A primeira irregularidade encontrada foi sobre o espaço: 65 idosos viviam em uma residência onde havia condições de acolher no máximo, 30. Dentro desse quadro de superlotação, sete camas em um quarto de quatro metros quadrados, diluiu-se qualquer critério de humanização. A CPI constatou que no mesmo quarto conviviam idosos e portadores de deficiência mental – da mesma forma que eram os hospitais gerais do século XVIII, “que abrigava uma miscelânea de pessoas: doentes terminais, deficientes físicos abandonados pela família, indigentes encaminhados pela rede de saúde, velhos asilados, loucos, etc.”. (GROISMAN, 1999: 169).

O resultado veio com o pedido em forma de súplica de Guiomar Mercedes da Conceição, 84 anos. “Preciso ir para um hospital. Sou diabética e estou perdendo a visão”. Uma mulher foi encontrada com sarna e outra com piolhos. A idosa Maria Xavier estava desnutrida e desidratada e foi levada para o Hospital Geriátrico em Bangu. Os integrantes da CPI encontraram remédios com prazos de validade vencida. Pior: o asilo sequer tinha medicamentos nem para fazer curativos. O aposentado Alcides Ribeiro de Souza, 67, confirmou que presenciou cenas de espancamento dos internos e abuso sexual das idosas. Os gritos de dor dos idosos também foram confirmados por vizinhos do asilo. É o drama da velhice institucionalizada.

Se a situação nos asilos cadastrados é preocupante, a CPI encontrou um quadro pior nas casas clandestinas que abrigam os idosos. Em três casas geriátricas clandestinas no município de Petrópolis, região serrana do Rio, foram constatados maus tratos, instalações precárias, falta de higiene e de alvará de funcionamento, além de uso indevido de cartões do INSS. O que mais chamou a atenção dos integrantes da CPI foi encontrar idosos

amarrados com ataduras na cama ou na cadeira sem acompanhamento médico, numa casa localizada no Valparaízo. Para se ter uma idéia do volume de trabalho da CPI basta se ater aos números revelados em maio: 275 denúncias e 100 vistorias realizadas.

Não é só nas grandes cidades como o Rio que é possível encontrar esses sinais de descaso em asilos. A situação também é drástica em São Paulo. Em um artigo publicado na Revista São Paulo em Perspectiva, o sociólogo Antonio Jordão Neto discute o quadro de descaso dessa instituição no Estado com um título sugestivo: **"Asilo de Velhos: uma instituição nada exemplar"**. Na época, em 1987, Coelho Neto era então diretor do Centro de Informações e Análises Estatísticas da Secretaria de Estado da Promoção Social. A crítica se estende desde a falta de fiscalização do Estado e as facilidades propiciadas para a abertura de asilos, ao abandono dos familiares e o despreparo profissional de muitas instituições no cuidado aos velhos.

O debate que Coelho Neto faz no artigo procura demolir determinadas afirmações sobre os idosos que com o tempo adquirem tom de naturalidade. É natural afirmar que os velhos são passivos nos asilos e que esses são os lugares ideais daqueles que não tem familiares. Entretanto é preciso se perguntar: o que faz exatamente com que esse discurso se sustente a-historicamente na sociedade? "Em síntese, a vida institucional, como regra, é marcada pela monotonia e pelo tédio, pela solidão e depressão, pelo isolamento e desconsolo, pela rotina e falta de perspectivas. Essas características, embora estejam também presentes nos demais estabelecimentos totais, ganham nas obras para velhos uma expressão muito mais acentuada e cruel". (JORDÃO NETO,1987: 74).

O primeiro crime que se comete contra o processo humano do velho no asilo é a ruptura da comunicação com a família. É um final trágico, com o mesmo grau de aflição tomado pelo intelectual de **Últimas Luas**, porém sem o final apoteótico da música de Bach.

A crueldade se dissemina no silêncio. Começa pela família, se estende no sistema de cada instituição e atinge a própria existência do homem e a mulher. É essa violência que Jordão Neto expressa com pesar ao mostrar que nessas instituições reina a paz dos cemitérios. “A violência que ocorre ali não é a violência ostensiva, visível, declarada, presente em instituições sociais de outra extração, mas uma violência camuflada, dissimulada, surda e por isso muito mais difícil de ser detectada”. (JORDÃO NETO, 1987:72).

O primeiro problema levantado parte do quadro levantado em pesquisa realizada em 22 asilos de São Paulo, entre 1970/80. De todos os idosos que possuíam parentes próximos ou distantes, 61% recebiam visita uma única vez por ano, em grande parte para desejar Feliz Natal; 18% uma vez por mês, 15% aproximadamente duas a seis vezes por ano e 6% ocasionalmente. Sem o apoio familiar o velho não encontra sustentação para se agarrar com vitalidade e lutar pelos seus direitos. Essa é a pior coisa que pode acontecer para uma pessoa, desabafa a estudante Erlinda Casarotti.

> *“Eu acho que se sentir velho é quando acaba a ilusão, assim a gente começa a achar que não tem mais nada para a frente, sabe? Não ver horizonte mais nenhum. Então aí a gente acaba ficando velho ou por causa de doença ou por falta de carinho dos familiares, acho que isso é muito triste. (...) Quando a pessoa não tem mais o carinho dos filhos, dos parentes, da família, aí eu acho que é o pior na fase da vida da gente”*. (Erlinda, Entrevista: 11/2001).

O velho está abandonado. A sociedade roubou suas forças enquanto era produtivo e agora, que não mais se interessa pelo seu ser, tirou-lhe as armas para lutar. Vivenciando consciente esse estado de abandono, os idosos chegam à cruel conclusão de que “fora da instituição, são mínimas as alternativas que lhe restam”. Daí derivam, provavelmente sua passividade e resignação. “Quando os velhos reagem com as poucas forças que têm, rejeitam o sistema que lhes é aplicado, ele recebe a dupla marginalização com a atribuição

de diversos nomes pejorativos “esclerosados”, maníacos, implicantes, impertinentes. É nessa fragmentação do ser que os velhos se defrontam em uma tal situação no asilo do qual não contam nem “consigo mesmo para lutar contra a dominação institucional”. (JORDÃO NETO, 1987:72) Eles entendem que seu fim de vida será trágico, retirado da dignidade de ser humano. “É um caminho sem retorno porque tanto a família (quando existe) quanto à comunidade costumam esquecer do velho internado, desinteressando-se de sua existência” (JORDÃO NETO, 1987:73).

A sociedade brasileira deu mostras, num intervalo de duas décadas que separam a pesquisa em asilos de São Paulo e a CPI do Idoso no Rio de Janeiro, de que o desprezo está de certa forma enraízado na cultura. Não é à toa que Jordão Neto finaliza o seu artigo de forma pessimista, ao admitir que para darmos um fim nesse estado de confinamento dos idosos seria necessária uma revolução cultural, da qual a sociedade brasileira está muito longe. Enquanto isso não ocorre, somos “surpreendidos” de tempos em tempos com notícias sobre maus tratos, abusos sexuais e abandono dos idosos. Acrescenta-se a isso que a maioria dos internos vem de famílias pobres, nos quais a sociedade já lhes negava o direito pleno de participação como cidadão. O asilo, nesse caso, como bem analisou Jordão Neto, “é um mero prolongamento de sua situação precária, com a diferença de que tudo agora passa a acontecer dentro de uma única esfera ou estrutura, em contraposição com a realidade multisetorial da sociedade”. (JORDÃO NETO, 1987:74).

Fora do asilo, os velhos também continuam indefesos. É o perfil das vítimas preferidas pelos bandidos. A reportagem publicada no Jornal do Brasil em agosto/2002 indica que mais de 50% dos 800 mil idosos foram vítimas de assaltos no Rio de Janeiro. Os roubos acontecem no caminho para o banco, na praça, no supermercado e até mesmo na hora do descanso em uma pracinha”. (BORGES, 2002: 01). A situação de temor atingiu tal

estágio que levou uma pensionista, de 92 anos, a tirar a velha arma guardada em casa e só assim, “protegida”, sentiu segurança para ir até uma agência da Caixa Econômica Federal, em Madureira.

Por essa análise fica claro que a postura tomada pelos integrantes da Terceira Idade é de distância da velhice, da qual está marginalizada. Mas ainda prevalece o paradoxo: a sociedade não tem essa distinção. Isso implica que o movimento de cultura provocado pela Terceira Idade ainda está ligado a essa outra face da velhice pelo valor que é atribuído à experiência. Esse conhecimento cotidiano se torna valioso para a realização dos sonhos e para a comunicação com a família, com a realidade. Mas diante de uma sociedade pragmática que desfigura o conceito de trabalho e de comunicação diante da aplicação de tecnologias e frente a uma Terceira Idade que olha para o futuro se desfazendo do passado nesse esforço de se atualizar, como é possível alterar esse quadro? A resposta parece estar em entender qual o valor atribuído à experiência vivida em uma sociedade que prioriza cada vez mais a experiência mediada. Ou mais precisamente, é preciso questionar: como a experiência vivida pelos estudantes da Terceira Idade pode ser transmitida aos jovens em uma sociedade que não se interessa por suas experiências? Esse é o fio condutor que percorrerá o próximo capítulo.